



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA

NATALIA CONTINI

**A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO
PROCESSO DE COMPREENSÃO LEITORA DE UM SUJEITO
QUE TEM O PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA**

BRASÍLIA - DF

JULHO 2014

NATALIA CONTINI

**A importância da mediação do professor no processo de
compreensão leitora de um sujeito que tem o português
como segunda língua.**

Monografia apresentada como
requisito parcial para obtenção do
título de licenciado em pedagogia pela
Faculdade de Educação – FE da
Universidade de Brasília - UnB

BRASÍLIA, 2014

CONTINI, Natalia. A importância da mediação do professor no processo de compreensão leitora de um sujeito que tem o português como segunda língua. Brasília – DF Universidade de Brasília / Faculdade de Educação (trabalho final de curso), 2014.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Aparecida de Lucas Freitas

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE COMPREENSÃO LEITORA DE UM SUJEITO QUE TEM O PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA.

NATALIA CONTINI

Monografia apresentada como
requisito parcial para obtenção do
título de licenciado em pedagogia pela
Faculdade de Educação – FE da
Universidade de Brasília - UnB

Orientadora: Dra. Vera Aparecida de Lucas Freitas

Examinadora – Maria Alexandra Militão Rodrigues

Examinadora – Ruth Gonçalves de Faria Lopes

AGRADECIMENTOS

Essa monografia representa uma grande superação da minha vida, término de mais um ciclo e o começo de uma nova perspectiva. Muitas pessoas fizeram parte deste processo e se tornaram essenciais para que eu pudesse crescer seja no âmbito acadêmico que pessoal.

Agradeço fortemente ao meu pai Franco e minha mãe Josina por sempre terem acreditado em mim e terem se esforçado sempre para me dar o melhor. Aos meus irmãos, Thiago e Raissa por sempre tentar me fazer sorrir, mesmo nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos que me ajudaram na caminhada e que foram essenciais na minha formação como profissional e como pessoa.

À minha professora Vera Aparecida de Lucas Freitas, que com sua dedicação e carinho me ensinou e fez eu me apaixonar pela linguística e pela área de alfabetização, mostrando-me o que é ter amor pela educação e pela sala de aula.

Por fim, obrigada a todos que contribuíram para a minha formação e sempre estiveram ao meu lado e me mostraram o verdadeiro significado da palavra amor.

Apresentação

Este trabalho monográfico foi desenvolvido na área de Língua Materna, Alfabetização e Literatura do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Nesta pesquisa, será desenvolvida uma mediação de leitura com uma aluna do Ensino Fundamental que tem o português como segunda língua. Serão analisadas e descritas as práticas da pesquisadora e a postura, estratégia e habilidade do sujeito colaborador.

No Capítulo 1 apresento referencial teórico, em que discuto as teorias e ideais dos principais autores das áreas da psicologia, sociolinguística, linguística e educação que foram base do estudo para realização da pesquisa.

No Capítulo 2 abordo a metodologia utilizada na pesquisa. Além disso, serão explicitados os objetivos da pesquisa, a justificativa, os instrumentos, as práticas utilizadas e os perfis da pesquisadora e do sujeito colaborador.

No Capítulo 3 faço a análise de dados da pesquisa que, por sua vez, serão relacionados com os principais autores e teorias do tema abordado. Além disso, neste capítulo haverá reflexões sobre as práticas realizadas na pesquisa.

Nas considerações finais faço uma reflexão sobre a pesquisa e os seus resultados, analisando-os de acordo com o objetivo geral e os específicos listados no capítulo 2.

“Uma palavra sem significado é um som vazio (...)”

L.S. Vygotsky

Resumo

Este trabalho emergiu da iniciação à pesquisa proposta pelo Projeto 3 da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília na área da Língua Materna, Alfabetização e Literatura, coordenada pela Profa. Dra. Vera Aparecida de Lucas Freitas no 1º semestre de 2013. A proposta de projeto baseou-se na mediação realizada por uma discente da Universidade de Brasília com uma aluna do Ensino Fundamental da cidade do Núcleo Bandeirante. O trabalho apresentado tem como objetivo entender a importância da mediação em leitura para uma criança que tem o português como segunda língua a partir da observação e análises de protocolos de leitura e prática realizadas pela pesquisadora. A técnica utilizada pela pesquisadora se baseia nos três tipos de perguntas como a objetiva, inferencial e crítico-reflexivo que, por sua vez, têm como intuito compreender como o aluno raciocina ao ler um texto e de quais ferramentas ele se utiliza para uma melhor compreensão. Foram utilizadas práticas que tiveram como objetivo inserir o aluno na atividade e fazer dos seus conhecimentos prévios e do seu senso comum, o ponto de partida para a aprendizagem e para a compreensão do texto escrito. As estratégias de leitura ditadas pela autora Isabel Solé foram a base para a construção e realização do projeto como também as teorias de Vygotsky. A metodologia utilizada foi a da leitura tutorial, proposta pela autora, onde há um maior envolvimento do aluno na atividade de leitura, em que são trazidos à tona os conhecimentos que este possui indo além do que o texto aborda relacionando-o com o contexto social no qual o aluno está inserido e resgatando a identidade deste pela reflexão do texto. Além do texto escrito, foram utilizadas as imagens e os mapas presentes no texto escolhido como sendo um exercício de interpretação de textos multimodais. Foi trabalhada: a análise do título, o caráter reflexivo e crítico do aluno, a identificação do significado das palavras-chave, a localização das informações, as inferências, a utilização dos conhecimentos prévios para a inferência do significado das palavras foram os pontos mais valorizados na elaboração do roteiro. Pode-se perceber que a aluna, ao final da atividade proposta, ampliou o seu conhecimento e enriqueceu o seu vocabulário, além de estabelecer uma relação dos conteúdos dados com o contexto no qual esta está inserida.

Palavras chaves: Compreensão leitora, segunda língua; estratégias de leitura.

Os sinais utilizados na transcrição:

O projeto apresentado terá como base a transcrição de uma atividade, para isso foram utilizados símbolos que tem como objetivo facilitar a leitura e a compreensão do leitor. Na tabela abaixo foram escritos os símbolos e seus significados para uma melhor identificação.

| | |
|-------|----------------------------|
| P | Pesquisadora |
| C | Colaboradora |
| (...) | Trecho perdido |
| [] | Comentário da pesquisadora |
| + | Pausa Curta |
| ++ | Pausa em tempo médio |
| +++ | Pausa longa |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| I - MEMORIAL | 11 |
| II – MONOGRAFIA | 11 |
| INTRODUÇÃO | 15 |
| CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO | 18 |
| 1. Contribuições da sociolinguística no ensino de línguas | 18 |
| 2. Ensino de português como segunda língua | 19 |
| 3. Leitura e letramento | 23 |
| 4. Desempenho em leitura | 27 |
| 4.1. Falantes nativos de português | 27 |
| 4.2. Falantes de português como segunda língua | 30 |
| 5. Estratégias de ensino-aprendizagem | 31 |
| 6. Andaimés | 35 |
| CAPÍTULO II – ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO | 40 |
| 1. Sobre a Metodologia de Pesquisa | 40 |
| 2. Sobre a pesquisa | 41 |
| 3. Instrumento de coleta de dados | 42 |
| 4. Perfil da Pesquisadora | 43 |
| 5. Perfil do Sujeito Colaborador | 43 |
| CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 66 |
| III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS | 68 |
| REFERÊNCIAS | 69 |
| APÊNDICES | 73 |
| ANEXOS | 109 |

MEMORIAL

Nesta monografia irei descrever e explicar os motivos que me levaram à escolha do tema, mostrando a minha trajetória escolar desde o começo até os dias atuais. Nasci em Roma, na Itália, no dia 27 de Fevereiro de 1993. Advinda de uma família na qual a mãe é de origem brasileira e pai é italiano, minha trajetória escolar foi conturbada por grandes mudanças positivas e negativas que mudaram completamente as minhas escolhas sobre o que se refere à minha vida acadêmica e pessoal. Minha trajetória escolástica começou-se em Roma, aos 3 anos de idade, quando fui matriculada em uma creche pública, na qual permaneci até os 5 anos de idade. Até essa idade, eu nunca havia tido contato com a leitura e a escrita dentro da escola, somente em casa, com a ajuda do meu irmão e da minha mãe que me ensinaram a escrever o meu nome e a escrever e reconhecer as famílias. Posteriormente, em 1999, ingressei no 1º ano do Ensino Fundamental quando comecei o meu processo de alfabetização e quando comecei a ter as minhas primeiras dificuldades no que se referia à leitura e interpretação de texto.

A professora de italiano, que ficou com a minha turma do 1º ao 5º ano, era muito rígida e gritava quando algum aluno errava alguma questão e, posteriormente, o colocava de castigo. Por este motivo, eu ficava o dia inteiro estudando para que eu não tivesse punição. Os professores não me davam muita atenção e, por isso, eu sempre tive medo de errar, de pedir ajuda e esclarecimento às minhas dúvidas. Do primeiro ao quinto ano, uma professora marcou a minha vida escolar, seu nome era Marina e era uma das professoras mais antigas da escola. Lecionava geografia, história, estudos sociais, inglês e amava o que fazia. Ao chegar à 7ª série deparei-me com a notícia de que eu deveria ter que vir morar no Brasil. O meu ano escolar não foi dos melhores, pois eu estava triste por ter que abandonar minha vida em um país e ir morar em outro onde eu não sabia nem sequer falar sua língua. Os professores, pela primeira vez, apoiaram-me e me ajudaram a compreender melhor as mudanças que iriam ocorrer após o fim das aulas. Estes nunca tinham se preocupado com a vida pessoal de um aluno, mas desta vez foi exceção.

Em junho de 2006 cheguei ao Brasil e, em seguida, fui matriculada em uma escola particular de uma cidade satélite próxima a Brasília. Os primeiros dias

foram os mais difíceis da minha vida, pois tive que repetir a mesma série que eu havia concluído na Itália como aluna ouvinte e sem saber nem se quer falar “oi”. Entendia tudo o que as pessoas falavam, porém eu não conseguia responder. Minha mãe sempre esteve presente em todos os meus momentos e principalmente quando tive que aprender a escrever em português. Algumas palavras em português eram completamente diferentes do italiano, o que fazia com que eu ficasse sempre mais confusa. Com muita leitura e prática consegui aprender a escrever e falar português. Minha mãe, através da utilização de revistas, me ajudou a compreender melhor as estruturas das palavras.

Ao chegar ao Ensino Médio, tive um professor de português que me marcou muito, pois me apoiou e acreditou no meu potencial. O nome dele é Ivanildo, graduado na Universidade de Brasília no curso de Letras e Veterinária. Este foi o professor mais atencioso que tive na vida, mesmo sendo rígido na correção das atividades, ele passava o conteúdo de uma forma fascinante e atrativa, pois se percebia o amor que ele havia pela profissão e pela disciplina, o que a tornava encantadora. O Ensino Médio foi um dos níveis mais difíceis que eu enfrentei, pois eu não sabia falar e nem escrever o português de forma clara. Os professores não me ajudavam muito. Dentro da sala de aula eu não tinha nenhuma pessoa que me auxiliasse nas aulas ou nas realizações de tarefas. Posteriormente, o colégio inseriu as monitorias no horário vespertino e assim pude começar a ter uma ajuda.

No ano de 2010 realizei o meu primeiro vestibular na Universidade de Brasília com o intento de ingressar no curso de Direito, porém não consegui a nota desejada. Com o passar do tempo, percebi que Pedagogia tinha o perfil semelhante ao meu e logo decidi mudar minha inscrição. No final do ano de 2010, realizei o meu segundo vestibular na UnB e consegui ingressar no curso de Pedagogia na primeira chamada. Por ser de outro país, e por não dominar plenamente a língua portuguesa, poucos acreditavam que eu pudesse ingressar na UnB, mas consegui através de muito estudo e dedicação. Nunca recebi incentivos dos meus professores para o meu futuro, pois ninguém acreditava no meu potencial, à exceção do meu professor de português. Os meus pais sempre me incentivaram e sempre estiveram a par do meu processo de ensino e aprendizagem, mas não interferiam nos meus deveres e nem mesmo nos meus estudos por não haver as estruturas e bases teóricas apropriadas.

O curso de Pedagogia foi escolhido com base nas suas características que se assemelham, como foi dito anteriormente, com o meu perfil. Desde pequena sempre gostei de ensinar e de lidar com as pessoas, mesmo sendo tímida. O curso proporcionou-me diversas oportunidades a fim de que conhecesse melhor o âmbito da educação. Pude identificar melhor a relação entre professor e aluno dentro da sala de aula o que, conseqüentemente, contribuiu para a minha prática docente e para compreender que a educação se estende para além da sala de aula.

Alguns professores contribuíram grandemente para a minha formação pessoal e acadêmica. No primeiro semestre, a disciplina Perspectiva do Desenvolvimento Humano, coordenada pela professora Viviane Legnani, fez com que eu me apaixonasse pela área da Psicologia, oferecendo um leque de conhecimentos que fundamentaram os meus estudos e que foram essenciais para que eu compreendesse diversas concepções dessa área, que envolvem o nosso cotidiano. Ao cursar a disciplina Ensino e Aprendizagem da Língua Materna com a professora Vera Freitas, eu comecei a me interessar muito pela sociolinguística, pelo letramento e pela linguística em si. Através dos estudos, eu pude compreender melhor as minhas dificuldades e como a prática pedagógica faz diferença ao se utilizar de pressupostos que valorizam as experiências, as práticas, os valores e contexto da qual o sujeito provém. Tive diversas disciplinas que contribuíram para a minha prática docente e que aprofundaram ainda mais os meus estudos sobre a sociolinguística e uma delas foi Literatura e Educação, regida pela professora Ana Dilma Almeida. Além de compreender melhor a sociolinguística e aprofundar os estudos sobre o letramento, foi possível estudar vários gêneros literários que, até então, não conhecia de forma clara. A disciplina Ensino de Ciências e Tecnologia, coordenada pela professora Maria Helena da Silva Carneiro, foi de extrema importância, pois aprendi e enriqueci a minha formação acadêmica com base na práxis. Ao desenvolver o livro paradidático para as crianças, tive os meus primeiros contatos com elas, com a sua linguagem, com diversas teorias e documentos governamentais que me incentivaram e me instigaram a ampliar o estudo no campo da educação e da área da pedagogia.

Participei de seminários muito importantes, que enriqueceram o meu currículo e, principalmente, os meus conhecimentos. Entre os quais há o da discussão sobre o PNE no ano de 2012, proposto pela professora Ruth Gonçalves

de Faria, que faz parte do departamento do PAD e que coordenou a disciplina organização da educação brasileira. Esta disciplina foi o meu primeiro contato com a política educacional brasileira e contribuiu para que eu pudesse compreender melhor o desenvolvimento da educação no Brasil no decorrer dos anos. Ao cursar diversas disciplinas foi possível identificar diversas teorias e autores que contribuíram para a minha prática pedagógica e para os meus ideais de educação. Vygotsky foi o primeiro autor que foi estudado no curso e que realmente marcou a minha trajetória acadêmica. Outra grande contribuição foi a autora, Profa. Dra. Stella Maris Bortoni, que ampliou meu olhar sobre a sociolinguística e sua importância.

Eu e a leitura

Quando pequena, no começo do meu processo de alfabetização, não gostava muito de ler, pois eu tinha muito medo de não entender o texto ou não saber ler uma palavra. Os professores que me acompanharam nas séries iniciais não eram compreensivos e toda vez que eu começava a ler, ouvia gritos e era castigada quando cometia erros. Na Itália, os professores prezavam muito pela leitura e passavam em média um livro a cada duas semanas, às vezes, era um livro por semana. A carga de leitura era extensa e bem pesada e os livros não eram lidos de maneira correta, pois o tempo era curto e era difícil lidar com a grande carga de leituras das demais disciplinas.

Ao chegar ao Brasil, tive que começar a ler muito para aprender a língua e para poder ampliar meu vocabulário. As revistas e os livros eram os meus companheiros do dia a dia, os quais contribuíram para que eu conseguisse aprender e desenvolver a língua portuguesa. Na faculdade comecei a amar a leitura e tornei essa prática como um hábito.

INTRODUÇÃO

A monografia apresentada refere-se ao estudo da Mediação de Leitura com uma criança que tem o português como segunda língua. A pesquisa descreverá as reações da pesquisadora e do sujeito colaborador e a importância de saber mediar o processo de leitura em prol da proficiência leitora.

O trabalho apresentado é uma pesquisa que tem como **objetivo geral** compreender a mediação como importante ferramenta no processo de compreensão leitora de uma aluna, que tem o português como segunda língua.

Entre os objetivos específicos estão presentes:

- 1) Observar quais habilidades e instrumentos a criança se utiliza para a compreensão;
- 2) Identificar quais as dificuldades que ela apresenta ao interpretar um texto;
- 3) Identificar qual relação a criança estabelece entre o seus conhecimentos prévios e os conteúdos apresentados;
- 4) Analisar o nível de criticidade da aluna
- 5) Analisar a prática do pesquisador.

Questões norteadoras

1. Quais estratégias utilizadas pelo leitor favoreceu a compreensão do texto?
2. A mediação do tutor/professor/pesquisador durante a leitura tem se mostrado fundamental para o desenvolvimento de alunos dos anos iniciais quando ainda são leitores em formação?
3. Boas perguntas por parte do tutor/professor/pesquisador mobilizam nos alunos a capacidade de boas respostas?

4. Quando o aluno faz uso de seus conhecimentos prévios, durante a leitura de um texto, tem maior possibilidade de compreender a mensagem e/ou informações nele contidas?

Justificativa

A realização deste projeto adveio da necessidade de ampliar o conhecimento sobre a questão da interpretação leitora, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento escolar do aluno. O estudo da sociolinguística, de acordo com Freitas (2011), tem se ampliado grandemente nos últimos tempos, tem favorecido a prática pedagógica dos professores e, particularmente, a área de alfabetização. Por este motivo, acredito que seja importante que o curso de Pedagogia proponha um estudo mais aprofundado sobre a alfabetização nos anos iniciais de escolarização, valendo-se dos construtos teóricos da Linguística e da Sociolinguística pela riqueza de conteúdos que esta traz.

A importância deste projeto está em incentivar os vários profissionais de educação para que possam melhorar sua prática docente através do aprofundamento e ampliação do seu campo de conhecimento sendo um professor reflexivo. Além disso, é importante lembrar que todos os professores necessitam aprofundar seus estudos no que diz respeito à interpretação de texto, por essa ser o domínio da língua a base para o desenvolvimento do aluno em todas as disciplinas.

Pelo fato de que um dia possam ter a necessidade de lidar com alunos que provêm de países estrangeiros. Em decorrência do processo de globalização é importante que os professores tenham conhecimento sobre como lidar com sujeitos estrangeiros que terão o português como segunda língua

Esta pesquisa tem um grande significado, pois mostra como a criança, que tem o português como segunda língua, interpreta um texto, contribuindo assim para a iniciação da prática de docência da pesquisadora e para que a criança compreenda um texto indo além das informações explícitas ali contidas, mas utilizando seus conhecimentos prévios, sabendo fazer inferências, entre outras habilidades.

Motivação

A motivação para este trabalho se deu pela curiosidade em compreender como se dá a compreensão de uma criança que tem o português como segunda língua e quais as habilidades e estratégias que ela utilizou para demonstrar sua compreensão leitora.

CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA

Introdução

Neste capítulo apresento as teorias e as ideias dos principais autores das áreas da linguística, sociolinguística, psicologia e educação acerca do tema correspondente à pesquisa que se baseia no estudo da mediação de leitura do português como segunda língua.

1. Contribuições da sociolinguística para o ensino de línguas

A sociolinguística tem ampliado seus estudos no decorrer dos anos e tem contribuído bastante para as questões educacionais no contexto social. Cada indivíduo traz do seu contexto social características e uma competência comunicativa que o identifica dentro da sociedade. A sociolinguística, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), baseia-se em uma forte relação entre as tradições, a cultura, o modo de viver e a língua que está sendo utilizada para o estabelecimento de uma comunicação entre os indivíduos.

Ainda de acordo com Bortoni-Ricardo (2004) é importante que o professor compreenda que a variação linguística é refletida pela cultura da qual a criança provém e que a sala de aula é composta por várias características linguísticas e por diversos níveis de competência.

De acordo com Fragozo (2001), a identidade de uma sociedade se constitui a partir das suas relações que a constituem como tal. A cultura, as tradições, a linguagem e a comunicação são fatores advindos de produções sociais que são interligados e que possuem características semelhantes.

A produção social é baseada nas interações que, por sua vez, tem como base a ação do sujeito no mundo. Com a advinda da globalização, o mundo tornou-se mais complexo e houve a necessidade de mudar as estruturas de trabalho e consequentemente, da educação para que pudesse atender a novas demandas.

De acordo com Leite (2002), a complexidade é uma das características principais da contemporaneidade. No cotidiano é possível identificar que há a necessidade de ter uma mentalidade crítica, criativa e propositora para poder resolver os eventuais problemas e a leitura é um dos meios mais importantes para que o sujeito possa constituir suas reflexões. A partir disso, a língua pode ser denominada como sendo um fenômeno social por ter valores culturais e sociais impregnados à sua constituição.

Com a globalização, segundo Leite (2002), os países tornaram-se mais integrados e constituíram redes de comunicação. Os intercâmbios tornaram-se mais frequentes como também a importância de aprender uma língua estrangeira para a inserção em uma área profissional.

Para Fragozo (2011), nos últimos anos a sociolinguística tem relacionado o estudo da língua estrangeira com base na sociedade e na cultura da qual a língua provém. A partir dos anos de 1970 houve mais estudos da sociolinguística no campo da língua estrangeira dando maior abordagem para a língua inglesa.

De acordo ainda com Fragozo (2011), a contribuição da sociolinguística para o ensino de línguas está em mostrar que a diversidade cultural influencia na linguagem e nas práticas que envolvem o cotidiano. Além disso, cada sujeito comporta uma subjetividade que pode ou não contribuir para que este, ao estudar uma língua estrangeira, possa aprender com mais facilidade. Pessoas que tem como língua materna uma língua proveniente do latim tem mais facilidade em aprender outra língua da mesma raiz.

2. Ensino de português como segunda língua

Para Amado (2011), no Brasil, o português como segunda língua se origina na colonização, quando os portugueses obrigaram os índios a adquirirem a língua portuguesa como meio de comunicação.

Segundo Ribeiro (2006), à época da escravidão, os negros advindos da África, tiveram que adquirir o português como segunda língua através de uma imposição. Isso fez com que eles perdessem boa parte de suas raízes culturais e as tradições que estes trouxeram das suas terras para adquirir os costumes e a língua de outra realidade.

Para Ribeiro (2006):

“A substituição da língua geral pela portuguesa como língua materna dos brasileiros só se completaria no curso do século XVIII.” (p.110)

Para quem está querendo aprender uma segunda língua, a língua materna pode ser um auxílio para a aprendizagem se na primeira houver similaridades com a segunda. Em alguns casos, quando a língua materna for bem diferente da língua estrangeira, o sujeito pode ter dificuldades ao aprender (ELLIS, 1999, apud FRAGOZO, 2011).

Com o início das expansões dos impérios pelo mundo e as invasões bárbaras, o latim se expandiu pelo mundo gerando novas línguas como o italiano, português, espanhol, francês, catalão, romeno, galego e provençal. Conforme Antunes (2009), o ponto em comum de todas essas línguas está em terem em sua raiz o latim que, conseqüentemente, irá proporcionar semelhanças linguísticas assim facilitando a aprendizagem dos educandos. Um sujeito que tem como língua materna uma língua de origem latina terá mais facilidade em aprender uma língua da mesma raiz.

Para Antunes (2009, p. 11), a compreensão de um texto por um aluno que está aprendendo o português como segunda língua se dá pelo domínio do reconhecimento das palavras e do léxico, pela ativação dos conhecimentos prévios com o conteúdo proposto e pela inferência para poder, a partir disso, constituir estratégias para facilitar o entendimento.

Ainda segundo Antunes (2009), o leitor, que está aprendendo uma segunda língua, deve estabelecer uma relação entre os seus conhecimentos prévios e conteúdo e a linguagem utilizada no texto. Essa prática ajudará o leitor a se aproximar dos códigos e da expressão da língua o que, conseqüentemente, o ajudará na memorização e aprendizagem.

Para que o leitor que tem o português como segunda língua tenha um melhor desempenho ao ler um texto, o professor deve suscitar o interesse e instigar a prática de leitura (Antunes, 2009, p.54). O professor tem a função de ser mediador do processo de aprendizagem e, neste caso, provocar o leitor instigando-o a gostar

mais da leitura e entendê-la como uma prática importante e necessária para a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante.

A leitura tem que ser agradável, para que o leitor possa se envolver com o texto, o que o ajudará a se apropriar da língua. Além disso, é importante que o professor dê suporte ao aluno no ato de explicitar melhor, mediando a atividade de leitura por meio de várias estratégias que contribuam para uma melhor compreensão.

A prática de leitura pode ser base da aprendizagem de uma língua estrangeira, pois abrange fatores como vocabulário, gramática e organização estrutural dos elementos textuais (Antunes, 2009). Para Cruz (2007, apud Antunes, 2009), a leitura em uma segunda língua se dá por duas ações que se baseiam na decodificação e na compreensão.

As escolas não estão preparadas para acolher os filhos de estrangeiros para o ensino de português como segunda língua. Os professores e as escolas muitas vezes não dispõem de boa estrutura para lidar com alunos oriundos de outra realidade, de outra cultura e que tem outra língua como língua materna.

De acordo com a teoria de Vygotsky, o professor deve mediar o processo de aprendizagem e trabalhar na zona de desenvolvimento proximal, que é o espaço de interação em que a criança está sendo apoiada para amadurecer suas ideias e construir seus conhecimentos. Isso, no ensino de segunda língua, é importantíssimo, pois quando o professor proporciona suporte para que o sujeito construa seu conhecimento, ele se desenvolve.

Para Cavalcanti (2012), o ato de aprender refere-se à internalização dos conceitos, a sua externalização e, por fim, à sua generalização. O sujeito que aprende os conceitos saberá utilizá-los na sua vida cotidiana.

No ensino de português como segunda língua é importante que o professor faça a mediação de leitura para que se suscite o interesse dos alunos para a leitura. Além disso, serão trabalhadas as técnicas para o desenvolvimento de estratégias que levarão os alunos à obtenção de uma melhor compreensão textual.

De acordo com Alarcão (2001) citado por Antunes (2009), para se compreender um texto de uma língua estrangeira, há três modelos de abordagem da leitura, entre os quais podemos citar o modelo ascendente, modelo descendente e modelo interativo. De acordo com o autor, primeiro modelo, o ascendente, baseia-se na análise das pequenas partes para as maiores como, por exemplo, de letras a parágrafos. A análise começa do visual até chegar ao fonético. Neste caso a leitura é dita como sendo indutiva, onde o sujeito está focado nos textos, nos códigos e na decodificação. O modelo descendente baseia-se na utilização dos conhecimentos prévios e as experiências são importantes para constituir hipóteses sobre o texto. Neste modelo, o sujeito tem a liberdade de selecionar as informações que lhe serão úteis assim mostrando-o como sendo ativo no processo de aprendizagem. O modelo interativo faz com que o sujeito interaja com o texto e o interprete com base nas suas experiências de vida. Isso facilita o processo de compreensão de um texto.

Ainda com Giasson (1993), citado por Antunes (2009), o sujeito pode se apropriar de metodologias de exploração de um texto para poder compreendê-lo. Entre as quais há a do chamado ensino explícito, o qual se baseia em práticas por meio das quais o professor elabore metodologias de acordo com as necessidades do aluno. Esta metodologia baseia-se em cinco etapas, entre as quais a da definição das estratégias na explicitação dos processos utilizados para compreensão da leitura, interação que se estabelece entre o leitor e as diversas estratégias, no ato de ativação delas por parte do sujeito e, por fim, a sua aplicação.

Ficher (1990), citado por Antunes (2009), acredita que a compreensão da leitura pode se dar com base em três etapas que são chamadas de tripartidárias. A primeira delas é chamada de pré-leitura; a segunda, de leitura propriamente dita, e a terceira de pós-leitura. É importante que, inicialmente, o leitor explore as imagens, o texto e os diversos tópicos que podem surgir e, a partir disso, retirar as informações necessárias para que este possa compreender o texto. Posteriormente o leitor irá decodificar as informações contidas nas palavras e nos textos para poder constituir os sentidos e organizar os seus pensamentos. Com isso, o leitor terá a autonomia de selecionar as diversas informações de acordo com as suas necessidades e interesses. Por fim, no pós-leitura, o leitor irá identificar se houve realmente uma aprendizagem e se os conteúdos foram compreendidos. Neste momento, haverá uma reflexão sobre a leitura e será observado se os objetivos foram efetivamente

atingidos. É importante que o leitor dialogue com o texto e faça uma crítica a este, a fim de perceber o seu grau de compreensão e aprendizado.

Na aprendizagem de uma língua estrangeira, o leitor deve se atentar, segundo Jeremy Harmer (1998), conforme citado em Antunes (2009), a seis princípios da leitura que o ajudarão no seu processo de compreensão. Entre estes, há o de decodificar as expressões, frases ou palavras, realizando uma tradução para a língua materna; preparar-se para a leitura do texto; definir e criar ideias e opiniões sobre determinado conteúdo; mediar o processo de leitura a fim de que o leitor faça inferências, observe imagens e outras pistas para relacioná-las aos seus conhecimentos prévios; o professor deve desafiar seus alunos através atividades; e por fim, relacionar os conteúdos aos exercícios. O leitor, para aprender uma língua estrangeira, precisa se esforçar muito para compreender a cultura que envolve a língua escolhida. É importante lembrar que o hábito de leitura é um grande aliado para ampliar o conhecimento e para se tornar um leitor proficiente.

3. Leitura e letramento.

Para a sociedade, a definição de letramento quase sempre foi equivocada, pois era utilizada como sendo sinônimo de alfabetização. Com os estudos da sociolinguística identificou-se que cada indivíduo possui um letramento que, por sua vez, corresponde a uma habilidade e uma capacidade de compreender um conhecimento sobre determinado assunto. Um exemplo disso é o padeiro que para fazer o pão deve aplicar todo o seu conhecimento e suas técnicas a fim de realizar o seu trabalho que, conseqüentemente, mostrará o seu letramento.

Há diversos tipos de letramento e estes permeiam toda a sociedade. A autora Magda Soares define o letramento como sendo:

(...) o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 1998, p. 18)

Diferentemente do letramento, a alfabetização refere-se ao conhecimento e decodificação dos códigos, diferenciar as letras e os seus respectivos sons e, por fim, ler textos simples. Magda Soares (2004) afirma que letramento é o uso social da

leitura, da oralidade e da escrita, mostrando assim que cada indivíduo tem uma especificidade e a sua cultura é impregnada no seu modo de falar.

Isabel Solé (1998) refere-se à leitura como sendo um processo que desenvolve a autonomia e motiva o indivíduo para que este tenha um incentivo e, em consequência, se interesse pela leitura. O ato de relacionar o conhecimento prévio com os assuntos abordados nos livros, nas matérias escolares e nos jornais é importante para que o professor possa despertar o interesse da criança diante da leitura.

Vygotsky (1988) afirma que:

“(…), as habilidades cognitivas e as formas de estruturas o pensamento do indivíduo não são determinadas por favores congênitos. São, isto sim, resultado das atividades praticadas de acordo com hábitos sociais da cultura na qual o indivíduo se desenvolve.” (p. 9).

O ato de ler é um produto social e é uma atividade cognitiva exigente, que deve ser trabalhada com base no exercício de leitura que, por sua vez, amplia o conhecimento do leitor e suas habilidades e estratégias de leitura levando o leitor ao seu desenvolvimento. Cada criança tem um conhecimento sobre determinado letramento, mesmo que ela não saiba ler e escrever. Quando esta entra na escola, o professor precisa desfrutar dos conhecimentos que esta criança possui para que se possa estabelecer uma relação com um determinado assunto. De acordo com Bittencourt (2011) é importante que o professor se aproxime da criança, a conheça e extraia os conhecimentos desta a fim de reconstruir o conteúdo que foi escolhido. Isso fará com que a criança dê um sentido para os vários conteúdos.

Para ler é preciso, de acordo com Machado (2012), compreender o alfabeto, compreender a relação entre o grafema e fonema, compreender as regras ortográficas e saber segmentar as palavras escritas, saber segmentar a sequência fonológica e utilizar-se das regras relacionadas à relação entre grafema e fonema a fim de decodificar a informação.

De acordo com Solé (1987), a leitura é um processo pelo qual o leitor estabelece uma relação com o texto. O leitor, neste caso, é um sujeito ativo do processo que tem como função o de examinar o texto. Para que a leitura seja

agradável, o texto deve explicitar os seus objetivos que, por sua vez, guiarão o leitor na sua leitura. Os objetivos são importantes para que o leitor constitua sua própria interpretação a partir da proposta do autor. O significado de um texto para o leitor depende dos conhecimentos prévios que este possui e das suas experiências.

Para Kleiman (1989), a leitura é um processo complexo pelo fato de ativar processos mentais como os da memória e conhecimentos prévios, atenção, percepção e, além disso, há outras tarefas de cunho cognitivo que se baseiam na aplicação dos conhecimentos e dos conteúdos a diversos contextos.

Fulgêncio e Liberato (1998) afirmam que a leitura não se baseia somente em uma decodificação de sinais gráficos e que por isso deve haver uma compreensão do que está sendo proposto.

Moura e Martins (2012) se referiram à leitura como um processo fundamental para o indivíduo, para que este, a partir dos seus conhecimentos, constitua conceitos e ideais que o levarão à formação da sua cidadania, além de trabalhar a autonomia, a criticidade e a imaginação.

A leitura, segundo Antunes (2009), é uma prática importantíssima para a aprendizagem de uma segunda língua estrangeira, pois além de ampliar o vocabulário e ativar a memória, ela faz com que o sujeito amplie seus conhecimentos e constitua novos ideais a partir do que está sendo proposto. Além disso, a leitura é um processo que permite ao sujeito a ampliação de conhecimentos, suas habilidades, estratégias de leitura e o vocabulário o que leva para uma ampliação da cognição e, algumas vezes, pode instigar o leitor a gostar e instaurar o hábito da leitura.

Segundo Trindade (2002), a leitura é um processo complexo, pois o leitor precisa estabelecer relações entre os vários códigos e significados de um texto. A experiência e os conhecimentos prévios tornam-se fundamentais para que haja compreensão textual. Desse modo, é importante lembrar que o leitor precisa estar envolvido na prática de leitura utilizando vários recursos que estão presentes no contexto abordado e na sua vida cotidiana.

Para Bakhtin (1976) (cf. Costa e Freitas, 2002), o professor não pode se atentar somente à parte gramatical dos textos literário, mas também aos conteúdos

e às formas. Os alunos precisam se sentir incentivados para praticar a leitura e se sentir motivados pelo professor, logo este deve propor a leitura fazendo as devidas relações e acionando mecanismos que vão além da análise ortográfica ou gramatical. A prática de identificar os textos e caracterizá-los é importante para que os alunos conheçam os diversos gêneros e comecem a gostar da leitura.

A leitura é um processo complexo que envolve diversas habilidades necessárias para a compreensão de um texto onde ocorre a interação entre o leitor e o autor através o livro. A construção de sentido se dá de acordo com a subjetividade do leitor constituída pela sua vivência e pelos seus conhecimentos prévios. A partir disso são ativados mecanismos como a memória, os conhecimentos prévios, os valores e as experiências.

A prática de leitura não remete somente à decodificação, mas também ao resgate dos significados através os fatores elencados anteriormente. Para Bortoni-Ricardo (2005), o ato de reconhecer os significados é fundamental para a compreensão de um texto. A compreensão textual vai além da decodificação explícita dos códigos, mas também da implícita.

Moura e Martins (2012) mostram que é importante que o sujeito tenha contato com a leitura para que sejam percebidas as diversas linguagens que constituem o mundo social.

(...) a leitura é uma atividade cognitiva que requer um sujeito envolvido na obtenção de significados e na busca da compreensão, ou na interpretação do conteúdo, se aceitarmos que a compreensão é relativa e que é possível mais de um significado interpretativo. (PÉREZ ; GARCIA, 1999, p.19)

A leitura é uma ferramenta que auxilia o aluno a utilizar novos recursos que possibilitarão a comunicação estendendo-se assim por várias áreas e não somente para a língua portuguesa. Carvalho (2010) se refere ao gosto da leitura como sendo uma prática que se desenvolve a partir das relações que o sujeito estabelece e das influências que este adquire. Além disso, é importante que o gosto pela leitura se desenvolva desde que a criança começa a ser alfabetizada. A leitura deve ser praticada na escola como sendo uma atividade agradável e isso pode se dar através de atividades que envolvam os alunos e que chamem a atenção destes.

O estímulo visual, de acordo com Fulgêncio e Liberato (1998), é importante para que o sujeito perceba as informações que estão contidas em um texto. Para isso, é necessário tempo, pois a percepção do visual é rápida, mas o cérebro leva mais tempo para processar uma informação.

Os textos multimodais, segundo Machado e Magalhães (2012), (cf. Bortoni-Ricardo, 2012), são importantes para serem explorados pelo professor em sua prática, pois esses comportam a necessidade de leitura e compreensão de informações que estão contidas nos códigos representados pelos signos. Esse tipo de texto descrito necessita de estratégias diferentes de um texto em prosa e, na maioria das vezes, comportam um conhecimento global sobre determinado assunto em forma de resumo. Com base nisso, o professor deve se atentar ao tempo da aprendizagem do aluno, mesmo que se refira à prática de leitura. Na primeira fase, onde há a iniciação da prática de leitura, o aluno irá levar muito mais tempo para pensar e compreender as informações de um texto.

De acordo com Kleiman (1989), um texto pode abranger múltiplas interpretações que dependerão dos objetivos e das necessidades estabelecidas pelo leitor. Nas escolas o ensino de leitura foca-se mais na decodificação dos símbolos e não são muito valorizados os outros tipos de estratégias. Por fim, é possível identificar que a leitura é um processo importantíssimo para a formação do cidadão, pois envolve toda a sociedade.

4.Desempenho em leitura:

4.1 Desempenho por falantes nativos de português

Segundo pesquisa realizada pelo PISA (Programa Internacional de avaliação de alunos) no ano de 2009, os brasileiros têm lido sempre menos e no ranking mundial está na 53ª posição. O desempenho da leitura no Brasil é avaliado através de diversos instrumentos como as provas nacionais e internacionais que permeiam todo o âmbito educacional. Entre as provas nacionais mais conhecidas há a Provinha Brasil, a Prova Brasil. Entre os internacionais está o PISA que é o mais conhecido, pois abrange um grande número de países.

O PISA, programa internacional de avaliação de alunos, é uma avaliação que tem como base mostrar o desempenho escolar de alunos de ensino

médio, principalmente na área da matemática e de linguagem que, por sua vez, inclui a compreensão textual, entre outros aspectos. O objetivo do PISA é identificar a qualidade da educação com a finalidade de criar medidas que possibilitem a melhoria educacional. Este programa é realizado pelo OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) para adolescentes na faixa etária dos 15 anos de idade de diversos países do mundo.

De acordo com Machado (2013), o PISA é um instrumento de avaliação que, em alguns casos, pode favorecer o resultado de alguns países. Isso se pode dar pelo fato de que cada país tenha seu próprio critério de avaliação que pode ou não ser o mesmo adotado pelo programa. Os resultados das crianças de determinado país serão diferente de outro, pois possuem diferentes contextos, currículos, realidades, valores e estratégias de compreensão. Estes fatores interferem na educação e nos resultados das provas internacionais, logo se torna inviável comparar a educação entre os diversos países (65 países). A pesquisa revela que as mulheres são as que mais leem e que possuem o hábito de leitura. Mesmo que o resultado tenha sido ruim, tem se observado uma melhoria nos índices que correspondem ao aumento de 19 pontos a mais que do ano de 2006.

A pesquisa “Retrato da leitura no Brasil” (VEJA, 2012) divulgou os resultados que mostram que as crianças e os adolescentes na faixa etária entre 5 e 10 anos estão lendo sempre menos atingindo uma média de 4 a 5 livros por ano, no ano de 2011. No ano de 2007, a média foi de seis a nove livros por ano. Pré-adolescentes (de 11 a 13 anos) chegaram a ler uma média de seis a nove livros por ano diferentemente do ano de 2007 onde a média era de cinco a oito. Além disso, a pesquisa revela o índice de leitura como sendo um momento de lazer tem reduzido sempre mais o que se reflete na qualidade da compreensão da leitura. As crianças e os adolescentes não têm tido muito incentivo pela família para adotar a prática de leitura que, por sua vez, foi substituída pelas novas tecnologias como o computador, televisão, videogames, celulares, tablets entre outros.

Em uma pesquisa realizada pelo Ecofuturo mostra-se que as crianças e os adolescentes que estão próximos à biblioteca ou a pessoas que incentivam a leitura têm mais interesse pelos livros. O fato de não haver bibliotecas nas escolas públicas dificulta a atração dos alunos para os livros. Outro fator importante a ser

lembrado é que o custo dos livros é alto, o que, conseqüentemente, interfere no desenvolvimento do hábito de leitura.

O EcoFuturo nasceu em 1999, é uma organização que foi qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público e tem o propósito de explanar conhecimentos e práticas de sustentabilidade na sociedade. Além disso, essa organização tem como um dos seus objetivos promover a leitura utilizando-se de recursos públicos e privados.

No ano de 2000 foi realizada uma pesquisa pelo Pisa que abrangeu 32 países, na qual o Brasil ficou em último lugar no que se refere à avaliação da compreensão leitora. Um dos grandes problemas que envolvem as escolas brasileiras é falta de livros e de acesso às biblioteca nas escolas. De acordo com um projeto de lei do PNE, até o ano de 2020 as escolas públicas tem a obrigação de constituir, em suas instalações, o acesso à biblioteca para os seus alunos.

Para solucionar as grandes defasagens dos alunos na compreensão textual, o governo propôs avaliações de longa escala a fim de identificar quais problemas dificultavam a compreensão dos alunos na leitura para poder, posteriormente, saná-las. Em 2008, foi introduzida a Provinha Brasil realizada com alunos da escola pública do 2º ano de escolarização no início e fim do ano com o intuito de diagnosticar o nível de compreensão da leitura e das habilidades que foram desenvolvidas.

Outra avaliação proposta é a Prova Brasil, que é dirigida para alunos do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio. Esta tem o intuito de fazer um diagnóstico sobre a qualidade do ensino das determinadas modalidades nas áreas de português e matemática e, em 2013, foi implementada a área de ciências.

É importante perceber que há diversas avaliações de longa escala e que todas abordam a compreensão textual como sendo um dos focos principais para a realização da prova.

4.2 Desempenho dos falantes de português como segunda língua

Ao se avaliar um falante de língua estrangeira em relação ao seu aprendizado do português como segunda língua, de acordo com Santos (2007), os professores deparam-se com a questão de que as aulas sejam completamente diferentes do modo de avaliar. Enquanto a primeira questão conta com a interação com o grupo, o segundo se baseia em instrumentos que não possibilitem essa integração.

Um dos primeiros instrumentos de avaliação do português como segunda língua foi o chamado Celpe- Bras, como mostrado por Santos (2007, p. 25), um exame de proficiência para estrangeiros que estão apresentando o português como segunda língua ou língua estrangeira. O objetivo do exame é dar certificado de acordo com o nível de proficiência apresentado. Um dos grandes problemas que os avaliadores encontram diz respeito ao critério de avaliação que deve se atentar à subjetividade de cada indivíduo para poder compreender que tipo de letramento ele possui.

O Celpe-Bras é um exame desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) que comprova a proficiência em língua portuguesa para estrangeiros. (INEP, 2013). Este é o único exame que tem reconhecimento oficial e acontece somente em países onde ocorre o apoio do Ministério das Relações Exteriores.

O exame, de acordo com INEP (2013), só pode ser realizado por brasileiros que não tenham o português como língua materna e os estrangeiros. O objetivo do Celpe-Bras é avaliar a língua português independente de onde tenha ocorrido o processo de aprendizagem.

O avaliador avalia o desempenho do sujeito avaliado, ou seja, são avaliadas as competências destes, não havendo questões diretas do âmbito de gramática. São avaliados no exame os seguintes critérios: Produção oral e escrita, e compreensão escrita e oral.

De acordo com o INEP (2013), o avaliado é aprovando somente se conseguir ter um desempenho bom na área oral e na escrita. A coesão e a coerência são fundamentais no ato de avaliar. É fundamental que haja uma avaliação de cunho qualitativo juntamente ao quantitativo.

A inscrição para o exame ocorre a cada seis meses. De acordo com uma pesquisa mostrada por Schoffen (2003), 70% dos candidatos de língua espanhola que realizaram o Celpe-Bras tiveram boas notas, porém apresentaram dificuldades quanto à pronúncia, sintaxe e adequação lexical.

Pelo fato de o espanhol ser uma língua latina próxima do português, como mostrado por Schoffen (2003), os candidatos têm mais facilidade de compreensão, o que os favorece a obtenção de um bom desempenho.

O português e o espanhol são línguas românicas e segundo Almeida Filho (1995), (cf, Schoffen 2003), a proximidade entre as línguas favorece a aprendizagem, pois ambas possuem a mesma ordem canônica da oração. A grande proximidade entre as línguas pode levar o candidato a falar o portunhol ou mesmo, em outros casos, a misturarem as duas línguas. Para Sturza (2005):

“A dificuldade em definir o "portunhol", está nos sentidos que foram sendo constituídos pelo senso comum, especialmente, por referir negativamente, por dizer o "mal falar" uma das línguas da mistura, em geral, de brasileiros em relação à língua espanhola.” (p.49)

De acordo com o INEP (2013), o desempenho dos candidatos não pode ser divulgado por uma questão de privacidade.

5. Estratégias de ensino-aprendizagem da leitura

A leitura é uma prática que não envolve somente a decodificação de códigos, mas também uma série de fatores fundamentais para que o leitor possa ter uma compreensão efetiva. Na leitura o leitor está construindo significados e precisa se basear em estratégias de leitura para pode atingir a sua meta que é a de compreender.

As estratégias de leitura são, de acordo com Solé (1998), procedimentos que devem ser aplicados para facilitar o processo da compreensão de leitura. Os textos precisam ser compreensíveis e o leitor precisa ter conhecimentos básicos para compreender e para interpretar que, por sua vez, se constitui através as estratégias. Solé (1998) afirma que a partir do momento em que o leitor contrai um obstáculo na leitura, este deve acionar as estratégias para facilitar a leitura.

Normalmente, o leitor utiliza a todo o momento as estratégias de leitura, mas de forma inconsciente.

Através do ensino de leitura, que pode ser praticada pelo professor, podem ser introduzidas as estratégias de leitura a fim de que o leitor se aproprie destas para melhorar sua compreensão. A mediação do professor é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem e, principalmente, no ensino de leitura que tem como objetivo desenvolver habilidades linguísticas, mas é pouco praticado pelas escolas.

A importância de ensinar estratégias de leitura está em formar leitores autônomos e competentes para criar as próprias estratégias de leitura até em situações onde o texto abordado é retido como sendo difícil. As estratégias desenvolvidas e propostas por Isabel Solé (1998) referem-se à refletir sobre o título e o tema; compreender a relação do conteúdo abordado com a sua vida e experiência; ampliar o vocabulário da criança; questionar; fazer resumos; trabalhar com os conhecimentos prévios e com perguntas inferenciais, críticas, reflexivas, objetivas e de localização. O ato de relacionar o conhecimento prévio com os assuntos abordados nos livros, nas matérias escolares e nos jornais é importante para que o professor possa despertar o interesse da criança diante da leitura.

De acordo com Freitas (2012), as práticas que envolvem perguntas inferenciais e crítico-reflexivas são importantíssimas para que a criança se desenvolva. Para Solé (1998), as estratégias de leitura favorecem a compreensão textual e é importante que o sujeito processe as informações que o texto abrange, perceba o objetivo do texto e relacione os seus conhecimentos prévios com a leitura proposta. Essas estratégias são fundamentais para atingir uma compreensão textual.

De acordo com Giasson (1993), conforme citado por Antunes (2009), para compreender um texto os alunos precisam perceber o texto, ver a sua importância e, a partir disso, instaurar estratégias que possibilitem a compreensão. A importância de promover perguntas para o processo de aprendizagem dos alunos está em se interrogar, ir além do que o texto aborda e o dever do professor é o de mediar o processo de aprendizagem.

É importante, segundo Solé (1998), que o leitor faça inferências sobre o texto e a partir disso desenvolva outras temáticas e outros assuntos, além de propiciar o desenvolvimento da prática de leitura. O leitor precisa identificar qual é o tipo de texto para poder constituir as estratégias de leituras que possibilitem uma melhor compreensão. Em textos informativos é necessário identificar as informações principais, nos descritivos as características principais, e nos demais as palavras-chave que possibilitem a compreensão. Por este motivo, o leitor precisa ter certo domínio da língua para que este seja ampliado através das práticas de leitura. A decodificação dos significados é essencial para atingir um dos objetivos da leitura que é o de compreender. Os alunos, de acordo com Solé (1998), precisam planejar e organizar suas leituras a partir das suas motivações que, por sua vez, possibilitarão a obtenção de uma melhor compreensão. Para compreender um texto, é necessário compreender os propósitos das leituras de forma implícita e explícita, utilizar os conhecimentos prévios para fazer as devidas relações e identificar as informações mais importantes de acordo com o objetivo do texto, perceber as relações entre o conteúdo proposto e os conhecimentos prévios, realizar uma revisão dos conteúdos propostos para uma melhor compreensão e, por fim, elaborar hipóteses. Os títulos devem ser questionados para uma melhor compreensão. Essa prática auxilia o aluno a pensar sobre o texto e a dar iniciação à construção de estratégias para a facilitação da leitura. Com o passar do tempo e com a prática de leitura, o leitor irá identificar os tipos de textos e o tipo de perguntas que são necessárias para melhor compreensão. Esta ação irá mostrar a prática ativa do leitor.

Segundo Fulgêncio e Liberato (1996), o vocabulário é uma estratégia importantíssima para os alunos das séries iniciais e para quem está começando a ler, pois estes não possuem muitos conhecimentos prévios. Para Freitas (2012) o conhecimento das palavras é uma estratégia que pode ser utilizada pelo sujeito quando este não compreende os conteúdos dos textos.

Para Kleiman (1998):

Ressalva-se que o uso do dicionário é o melhor método para aprendizagem de léxico apenas em dois casos: quando se trata do significado de palavras-chaves, que ocorrem repetidas vezes no texto e cuja hiper-lexicalização marca essa relevância, e quando se

trata de itens lexicais cujo significado exato é essencial, sejam estes elementos-chaves ou não. (p. 67)

O uso do dicionário é importante, seja para os leitores iniciantes ou para alunos que estão aprendendo uma língua estrangeira. O professor deve mostrar ao aluno a importância do uso dessa ferramenta.

Collins e Smith (1980), citados por Solé (1998), afirmam que o professor precisa mostrar as estratégias de leitura para os seus alunos e, além de disso, mostrar a importância da leitura em voz alta, em um primeiro momento, para organizar melhor os conteúdos e os seus pensamentos. Na segunda etapa há a participação dos alunos que são monitorados e dirigidos pelos professores. Neste momento serão construídas perguntas e hipóteses conjuntamente sobre o texto.

De acordo com Kleiman (1989):

Se o aluno é capaz de decodificar o texto escrito, se ele é capaz de utilizar a informação sintática do texto na leitura, e se, ademais, ele já completou a aquisição da língua materna, as dificuldades que ele revela na compreensão do texto escrito são decorrentes de estratégias inadequadas de leitura. (p. 56)

A maior parte das escolas adota uma prática que não desenvolve as estratégias de compreensão e nem mesmo as habilidades que o sujeito constitui ao longo da sua vida para que estas sejam relacionadas com o conteúdo proposto. O ensino baseia-se, basicamente, no estudo das classes gramaticais e da ortografia. Em alguns casos é possível identificar que as estratégias de leitura estão envolvidas no processo de compreensão no ato de um resumo, de uma fala ou mesmo da resposta do leitor, porém, a maioria das vezes, as estratégias são aplicadas automaticamente sem perceber. Isso acontece a partir do momento em que o leitor domina a prática de leitura.

Para Koch (2002), os textos apresentam diversas informações implícitas que podem ser identificadas a partir do momento em que o leitor tenha conhecimentos prévios que possibilitem caminhos que proporcionem a construção de conhecimento. Os elementos co-textuais e contextuais propiciarão o

desprendimento dos diversos significados de um texto. A inferência é uma das ferramentas fundamentais para a compreensão das informações implícitas.

De acordo com Kleiman (1998), as estratégias de leitura podem ser classificadas entre estratégias cognitivas e metacognitivas. A primeira refere-se às operações inconscientes que o leitor realiza para chegar a um determinado objetivo. Já, as estratégias metacognitivas referem-se a operações que o sujeito realiza tendo consciência e tendo um objetivo estabelecido. Desse modo, o sujeito saberá se está compreendendo um texto ou não e se tornará flexível no ato de estabelecer procedimentos que o auxiliem para atingir determinado objetivo. A leitura seletiva é uma das estratégias utilizadas por leitores proficientes no ato de selecionar as informações de um determinado texto com base em objetivos pré-estabelecidos. De acordo com Kleiman, (1998):

(...) o leitor proficiente faz escolhas baseando-se em predições quanto ao conteúdo do livro. Essas predições estão apoiadas no conhecimento prévio, tanto sobre o assunto (conhecimento enciclopédico), como sobre o autor, a época da obra (conhecimento social, cultural, pragmático), o gênero (conhecimento textual). (p.51)

A leitura não é um processo mecânico, logo para cada tipo de texto existem diferentes estratégias para atingir determinado objetivo do texto. É importante lembrar que as estratégias de leitura não podem ser vistas como lineares e que estas dependem muito do sujeito que está interagindo com o texto.

Enfim, é importante lembrar que as estratégias de leitura são fundamentais para a compreensão textual, porém deve-se recordar que cada sujeito possui necessidades diferentes que irão se espelhar na escolha dos tipos de estratégias que este irá adotar para que haja uma compreensão efetiva.

6. Andaimes

Para Leite (2002), o mundo atual está em contínuo desenvolvimento e homogeneização devida à globalização que está criando e proporcionando diversas mudanças na subjetividade do indivíduo. A língua, a cultura, as tradições, os modos de vida se instauram nos diversos países e nasce a necessidade de os indivíduos se adaptarem com a nova realidade.

Com o desenvolvimento e ampliação dos mercados, devido da globalização, nasce a necessidade da sociedade em estabelecer mecanismos que possibilitem ao indivíduo um meio para que possam se estabelecer as relações. A linguagem é um instrumento fundamental para que haja a comunicação que, devido à homogeneização das culturas, tem auxiliado o indivíduo para se relacionar com o outro. (ANTUNES, 2009)

Segundo Vygotsky (1989), o indivíduo necessita relacionar-se com o mundo para poder desenvolver e aprender. Para que possa haver a mediação, o professor necessita da linguagem que é um dos instrumentos que permitem a interação entre o indivíduo e o mundo. A partir do momento em que a criança dá sentido ao significado dos conteúdos que lhe são propostos.

Através da mediação é possível estabelecer uma relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento e a linguagem que, neste caso, tem o papel de instrumento no processo de ensino e aprendizagem. A aprendizagem irá ocorrer a partir do momento em que o sujeito internaliza um significante dando a este um sentido. As ferramentas simbólicas são importantíssimas para que o indivíduo aprenda e se desenvolva e um exemplo disso é a linguagem. A teoria de Vygotsky relata sobre a importância das ferramentas para a construção de conceitos que irão adquirir sentido a partir da interação.

As atividades mentais são regidas pela organização realizada através as ferramentas. O professor tem a função de propor andaimes para propiciar a aprendizagem. Os andaimes são estruturas que o professor disponibiliza para o aluno a fim de que haja uma aprendizagem efetiva. Além disso, o professor tem o papel de trabalhar com o aluno na ZDP para que ele saia da zona de desenvolvimento real para a zona de desenvolvimento potencial.

A prática do professor irá ser realizada na zona de desenvolvimento proximal, na qual serão propostos os andaimes a fim de atingir a zona de desenvolvimento potencial, onde o aluno irá desenvolver as atividades sem a mediação do professor, logo haverá tido o desenvolvimento e, conseqüentemente, a aprendizagem. A prática do professor deve se basear no dialógico, onde os alunos irão mostrar seus conhecimentos prévios que contribuirão para a construção dos

novos conceitos que, por sua vez, só serão tidos como tal se houverem um sentido para a criança.

De acordo com Vygotsky (1989):

“Zona de desenvolvimento próximo, por sua vez, abrange todas as funções e atividades que a criança ou o aluno consegue desempenhar apenasse houver ajuda de alguém. Esta pessoa que intervém para orientar a criança pode ser tanto um adulto (pais, professor, responsável ou instrutor de língua estrangeira) quanto um colega que já tenha desenvolvido a habilidade requerida.” (p. 11)

O professor deve dialogar com o aluno sobre o assunto e provocá-lo para que este possa desenvolver um interesse maior. Diante disso, o aluno precisa saber o que está lendo, o porquê e no que isso contribuirá futuramente.

Os textos propostos, de acordo com Solé (1998), devem estar de acordo com a idade e com a capacidade de compreensão da criança, devem ser motivadores e provocar a criança para a leitura. De acordo com Vygotsky (1989), a língua é um instrumento importantíssimo para que se estabeleça uma relação entre o sujeito e o mundo.

O processo de interação é importantíssimo para que a criança se desenvolva e estabeleça relações. Na leitura é importante que o leitor interaja com o texto e com os conteúdos propostos. Da teoria de Vygotsky (1989), pode-se desprender que a importância do professor na mediação de leitura, está em auxiliar o aluno em desenvolver suas habilidades e estratégias para que possa ampliar seus conhecimentos, seu vocabulário, relacionar os seus conhecimentos prévios e compreender a importância da leitura e do significado desta em sua vida.

A prática de mediação realizada pelo professor (Bizarro, 2009) é importante para que se possam introduzir suportes no processo de ensino e aprendizagem ao aluno e para que a leitura seja orientada a fim de proporcionar um melhor entendimento. A função do professor é o de estabelecer um suporte de acordo com as necessidades dos alunos. Giasson (1993) mostra que a leitura baseia-se em duas metodologias entre as quais há dos conteúdos explícitos e a parte em que o ensino se desenvolve em atividades.

Vygotsky afirmou que o desenvolvimento sempre dependeu da aprendizagem e a linguagem foi um instrumento fundamental para que o homem estabelecesse uma interação e uma relação com o seu objeto de aprendizagem. O ser humano, em sua concepção, se constituiu através interações e a vertente sócio histórica.

Bakhtin (1997) introduz a teoria dialógica a qual defende que a linguagem e o questionamento são importantes para a formação do sujeito que, por sua vez, se constitui através um permanente diálogo. Desse modo, é importante a presença do “outro” para o processo de aprendizagem.

No trabalho de mediação, o professor desempenha um papel fundamental de mediador entre os alunos e a cultura, ajudando, guiando, orientando, dinamizando, apoiando e facilitando a conquista di significado, da compreensão e do sentido do novo e a progressiva aproximação de suas concepções às culturalmente aceitas ou estabelecidas. (PÉREZ e GARCÍA, 1999, p. 22).

A função do professor não é a de transferir informações, mas facilitar a aprendizagem do aluno. Cada aluno possui sua própria aprendizagem e, por este motivo, é necessário que o professor conheça o aluno e veja como se dá o seu processo de aprendizagem.

Para Rogoff (1984), citado por Solé (1998), o professor, juntamente com o aluno, estão construindo conhecimento e, neste processo, o primeiro está realizando a chamada participação guiada. Esta última está relacionada aos andaimes que têm como função subsidiar o processo de aprendizagem a fim de que o sujeito consiga aprender efetivamente, abandonando assim o apoio para que o outro caminhe sozinho. Na prática guiada o professor media o processo de aprendizagem com base nos “andaimes”. De acordo com Bortoni-Ricardo (2012), o professor, através dos andaimes ajudará o aluno a compreender determinadas partes do texto que poderiam não ser entendida por falta de conhecimento enciclopédico. Neste momento, o professor pode fazer algumas inferências a fim de ativar os conhecimentos prévios dos alunos e, com base nesses, construir possíveis ideias a fim de ultrapassar um obstáculo. Por este motivo, as estratégias são tidas como importantíssimas e necessárias como mostrado por Isabel Solé.

Kleiman (1989) se refere ao professor como sendo interlocutor entre o leitor e o autor do texto. Neste caso, o professor, no ensino de leitura, ofereceria condições para que haja a interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. A partir do momento em que o aluno sente dificuldades na compreensão textual, o professor deve promover ações que aproximem o leitor do conteúdo proposto e isso se dá através as estratégias.

Estes são os principais estudos que abrangem o tema da mediação de leitura e o português como segunda língua. O próximo capítulo irá explicitar a metodologia utilizada na pesquisa e os perfis do sujeito colaborador e da pesquisadora.

CAPÍTULO II – ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Introdução

Este capítulo irá abordar as técnicas e as práticas utilizadas na pesquisa e os seus principais instrumentos. Além disso, serão explicitados o tipo de pesquisa e os perfis da pesquisadora e do sujeito colaborador.

1. Sobre a metodologia de pesquisa

Os pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa apoiam-se no paradigma qualitativo e se refere a um estudo de caso, que teve como objetivo analisar e compreender o processo de compreensão de um texto demonstrado por um sujeito colaborador, que tem o português como segunda língua, e como a mediação do professor pode interferir no processo de aprendizagem. Os dados foram coletados em protocolos de leitura tutoriada pela pesquisadora.

O estudo de caso é uma metodologia de cunho qualitativo no qual se estuda um objeto de forma mais aprofundada o que, conseqüentemente, permitirá a obtenção de um conhecimento mais amplo (GIL, 1987).

A pesquisa apresentada, como foi dito anteriormente, é de cunho qualitativo e tem como objetivo desvendar características, estratégias e habilidades que o sujeito colaborador desta investigação, que tem o português como segunda língua, possui para compreender um texto. Bortoni-Ricardo (2008) afirma que as pesquisas qualitativas baseiam-se na percepção de detalhes que no dia a dia são invisíveis por ser parte de uma rotina o que dificulta o entendimento de quais são as dificuldades no ato de compreender um texto.

De acordo com Yin (2005, p. 32) (cf. GIL, 1987), o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas, porém é onde são utilizadas várias fontes de evidência.

O estudo de caso tem os pressupostos de estudar situações reais, descrever e investigar um determinado contexto, explicar o acontecimento de determinados fenômenos que não precisam de dados experimentados. Além disso,

este estudo é de tipo etnográfico, pois descreve e estuda uma instância particular para compreender melhor determinada situação. A observação tem o pesquisador como sendo participante, ou seja, este interage com determinada situação, mas deve se atentar para que não repasse ou imponha suas crenças e pontos de vista (ANDRÉ, 2005).

De acordo com Gil (1987), um estudo de caso não pode ser generalizado, não há definição de procedimentos metodológicos como nas pesquisas quantitativas, e o tempo de estudo depende do objeto de estudo que está sendo analisado.

A pesquisa tem o objetivo de identificar a compreensão leitora, as estratégias de leitura de uma criança estrangeira através uma leitura tutorial e como se deu a mediação da pesquisadora. Em uma pesquisa etnográfica, o pesquisador se aproxima do foco de estudo com base na entrevista e em conversas registrando momentos de fala, descrevendo a situação, o tempo e o ambiente. O pesquisador não pode modificar os dados, as pessoas e as situações por uma questão ética (ANDRÉ, 2005).

2. Sobre a pesquisa

A pesquisa apresentada teve início no Projeto 3, que tem por objetivo iniciar os alunos de Pedagogia em práticas de pesquisa na área de Língua Materna, Alfabetização e Literatura – com foco em alfabetização e linguagem. Na primeira fase do projeto foi elaborado o projeto de monografia, onde foi trabalhada a estrutura de pesquisa. Em seguida, foi elaborada a questão de pesquisa sobre a qual nos debruçamos, que é a mediação de leitura.

Primeiramente, a temática que eu havia escolhido referia-se à formação de professores. Na segunda fase, elaborei outro pré-projeto de pesquisa que tinha como foco de estudo a leitura tutorial. Nesta segunda fase, comecei a desenvolver minha pesquisa que tinha como objetivo compreender a importância da mediação como estratégia de leitura de uma criança que tem o português como segunda língua.

Para Bortoni-Ricardo (2012), a relevância do estudo da leitura tutorial no processo de aprendizagem de um aluno está em mostrar a importância da mediação

na construção de estratégias para a leitura, além de melhorar a sua prática. Os protocolos de leitura foram essenciais para compreender como se dá o processo de compreensão da criança, perceber suas dificuldades e estratégias de leitura e como a prática se deu pela mediação do pesquisador.

A escolha dos textos que fundamentaram os protocolos se deu de acordo com as dificuldades que o sujeito colaborador demonstrou. O primeiro protocolo se referiu à disciplina de História, com o conteúdo sobre civilizações da América. O segundo protocolo escolhido se referiu à disciplina de Língua Portuguesa e abordou o tema sobre o meio ambiente, em uma crônica.

Foram escolhidos textos das disciplinas em que o sujeito colaborador possuía mais dificuldades, com o objetivo de mostrar que ela é capaz de compreender os textos a partir do momento em que se estabelecem estratégias de leitura e se há a utilização de recursos, como os textos multimodais, textos contínuos e descontínuos. A mediação se deu através a elaboração de um roteiro de perguntas a fim de orientar e fazer com que o sujeito colaborador percebesse as estratégias de leitura e construísse as próprias para atingir a compreensão de um texto. A segunda etapa consistiu em recolher os dados da pesquisa através dos protocolos de leitura e fazer a análise deste. A terceira fase fundamentou-se no aprofundamento do estudo e na análise dos dados para uma melhor compreensão de como se deu o processo e quais os resultados. O roteiro elaborado para os protocolos de leitura foram fundamentais para a realização da pesquisa e foram criados com base nos objetivos e nas perguntas norteadoras que foram levantadas ao estudar a pesquisa.

O objetivo da pesquisa é o identificar a importância da leitura tutorial a partir da observação e análise das estratégias e das dificuldades de uma criança que tem o português como segunda língua ao interpretar um texto e a prática docente realizada pela pesquisadora.

3. Instrumentos de coleta de dados

Os dados foram coletados em dois encontros durante os quais foram gerados dois protocolos de leitura, sendo um na área de História e o outro na de Língua Portuguesa. Os encontros foram realizados na casa do sujeito colaborador. Cada

encontro durou cerca 1 hora e foram gravados em um gravador da marca LG, modelo Nexus 4, do ano de 2013. As transcrições dos protocolos foram feitas pela própria pesquisadora.

4. Perfil da pesquisadora

A pesquisadora é aluna do 6º semestre do curso de Pedagogia da UnB e tem 20 anos. É falante nativa de italiano e reside no Brasil há sete anos. Por ter chegado ao Brasil com 13 anos, a pesquisadora ainda apresenta algumas dificuldades quanto à língua portuguesa, mas, através as práticas orais e de leitura, está aperfeiçoando sempre mais o português.

A sua área de maior interesse é a sociolinguística e, por este motivo, escolheu aprofundar este estudo que foi base da sua pesquisa, ou seja, a mediação como estratégia facilitadora da compreensão da leitura. Antes de realizar a pesquisa, nunca tinha tido a experiência de mediar a leitura para alguém. Tendo sido esta a sua primeira experiência, funcionará, com esta prática, como um exercício de mediação que, por sua vez, irá se espelhar o seu desempenho como mediadora.

5. Perfil do sujeito colaborador

É uma menina de 12 anos, estuda no Centro de Ensino Fundamental 1 do Núcleo Bandeirante - DF e cursa a 6ª série/7º ano do Ensino Fundamental. Nasceu na Itália, é falante nativa de italiano e veio para o Brasil com 5 anos. Filha de mãe brasileira e pai italiano e, além disso, ela é irmã da pesquisadora. Chegou ao Brasil com 5 anos de idade e não foi alfabetizada na língua italiana. Chegando ao país ela perdeu um ano escolar, entrou no Jardim III e fez um curso de português por um mês, onde conseguiu aprender a ler o português em um mês. No decorrer do texto ela assumirá o nome de Raiane por uma questão de sigilo e ética.

Por ter aprendido a falar português somente aos seis anos de idade, o sujeito colaborador, apresenta ainda dificuldades quanto à compreensão textual e à língua portuguesa em si. Em sua casa, ela se comunica com a sua família em língua italiana e portuguesa, como o resto de sua família. As maiores dificuldades que o sujeito possui são nas disciplinas de geografia, história e português, as quais demandam uma carga maior de leitura.

Este capítulo mostrou a metodologia e os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa e os perfis do sujeito colaborador e da pesquisadora. No próximo capítulo serão discutidos e analisados os dados obtidos nos dois protocolos de leitura realizados.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS

Introdução

Neste capítulo será realizada a análise dos dados coletados na pesquisa de acordo com as principais teorias sobre o tema. Haverá reflexões sobre os pontos mais cruciais da pesquisa e, a partir disso, se estabelecerá uma relação entre as teorias explicitadas no capítulo 1 e os dados.

1. 1º Encontro

A pesquisadora iniciou o encontro explicando que a atividade era parte de um projeto que ela estava fazendo e pedia a colaboração da aluna. Inicialmente a criança apresentou-se ansiosa para o começo da atividade e, nas primeiras perguntas, mostrou-se segura e determinada mostrando uma grande bagagem de conhecimentos. Nas primeiras perguntas a criança mostrou determinação ao responder e foi bem clara em suas respostas.

A pesquisadora, ao perceber que a criança estava compreendendo e respondendo todas as perguntas, ficou mais segura em sua prática o que se refletiu no seu desempenho. Esta desenvolveu perguntas claras mesclando perguntas objetivas, inferenciais e crítico-reflexivas.

Desde o início da atividade, a pesquisadora começou a resgatar os conhecimentos prévios e a inserir estratégias de leitura para a Raiane, a fim de que esta pudesse começar a construir os seus conceitos e organizar os seus pensamentos.

O texto utilizado como sendo base da atividade do 1º Encontro refere-se ao livro da disciplina história que foi adotado pela escola que tem como título “Projeto Araribá História” da Editora Moderna que tem como responsável de edição Maria Raquel Apolinário do ano de 2007. A escolha do tema se deu com base na disciplina que o sujeito colaborador tem mais dificuldades e em um conteúdo mais atrativo para ele. Além disso, o texto possui diversos mapas, ícones, imagens e o vocabulário. Pôde-se trabalhar com a análise das diversas partes que compõem o

texto, a fim de que o aluno possa ir além da escrita podendo se apoiar na análise da iconografia para a compreensão de um texto.

Antes do protocolo houve uma preparação prévia da pesquisadora que leu o texto, fez pesquisa na internet sobre o assunto, utilizou o vocabulário e livros para compreender melhor o assunto para poder realizar uma boa leitura tutorial. Ao analisar o conteúdo proposto, a pesquisadora identificou que poderia ter a necessidade de explicitar de uma forma mais clara algumas partes do texto, pois requeriam conhecimento prévio do aluno que, neste caso, poderia desconhecer determinados assuntos.

Recorte 1 – Protocolo de História

- 03.C- [Lendo] A América: uma terra de grandes civilizações
04.P- Você sabe o que é a América?
05.C- Sim
06.P- O que você sabe sobre ela?
07.C- É um continente, ela é dividida em três parte... é que é a América do Norte, América Central e do Sul. Ela é... Contém vários países. Entre esses países tem o Brasil que é onde moramos.
08.P- Sim, certo. Olhando para o título, o que você acha que o texto fala?
09.C- Sobre as grandes civilizações que estão na América, na América.

Neste primeiro momento, a pesquisadora tentou utilizar os conhecimentos prévios do aluno para que ele inferisse o significado do título do texto. Para Kleiman, (1997, p. 37): “Esse tipo de inferência, que se dá como decorrência do conhecimento de mundo e que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente do leitor proficiente.” De acordo com Solé (1998), é importante que o leitor reflita sobre o título e sobre para poder se inserir no contexto que o autor está propondo.

A prática de analisar os títulos é importante para que o leitor comece a pensar sobre os objetivos do texto e sobre as possíveis estratégias que podem ser desenvolvidas ao longo da leitura. O questionamento do título irá levar o leitor além do texto e, desse modo, ativando diversas áreas do cérebro, como o da memória por exemplo. Segundo Machado e Magalhães (2012, p. 52), a importância de questionar o título está em fazer com que o aluno explore melhor o texto e faça antecipações da leitura.

Para Bakhtin (1976), (cf. Costa e Freitas 2002), o aluno deve se atentar aos elementos textuais que vão além da gramática e ortografia e para isso é necessário estabelecer relações com o conteúdo a fim de proporcionar um entendimento mais claro e que favoreça o leitor para a apropriação de sentido.

De acordo com o modelo descendente desenvolvido por Alarcão (2001), citado por Antunes (2009), o leitor compreende um texto a partir das suas experiências e dos seus conhecimentos prévios. Desse modo, a prática de questionamento torna-se fundamental na prática da leitura, pois desperta no leitor um interesse sobre os conteúdos abordados o que, conseqüentemente, o aproximará ao texto.

A partir do momento em que o texto começa a utilizar termos mais complexos, observa-se que o sujeito colaborador começou a ficar mais inseguro e, em vista disso, a pesquisadora começou a propor a realização de inferências sobre o significado das palavras.

Recorte 2 – Protocolo de História

- | |
|--|
| 15. P- Podem ser sim, está certo! É... Você sabe o que são as civilizações? |
| 16.C- Sei! |
| 17. P- Então, o que são as civilizações? |
| 18. C- É um + é um povo que tem várias características em comum. |
| 19. P- E você sabe me dar exemplo dessas características em comum? |
| 20. C- A língua! É [pensando] a língua, a moeda, e [pensando] humm ++ não sei! |
| 21. P- A cultura? |
| 22. C- A cultura, as tradições! |
| 23. P- Certo! Comece a ler aqui! |

A inserção da prática de utilização do vocabulário fez com que o sujeito colaborador começasse a compreender melhor os conteúdos. A utilização do vocabulário é uma das práticas fundamentais para a compreensão de um texto, segundo Solé (1998). De acordo com Antunes (2009), a importância de saber os significados dos termos no ensino de língua estrangeira é o de desenvolver e ampliar o vocabulário, além de ser um exercício de memorização.

A decodificação dos significados das palavras ajudou a compreender melhor o texto, posteriormente pôde-se perceber que a postura do sujeito colaborador foi a de procurar o significado das palavras que ela não sabia, além de explorar melhor a página do livro.

Outra estratégia que foi desenvolvida baseou-se no ato de estabelecer relação entre o conteúdo a ser proposto com as experiências e conhecimentos prévios da Raiane. Essa prática foi fundamental para que a criança começasse a se aproximar do texto.

A pesquisadora, ao perceber que Raiane não estava respondendo de maneira imediata, começou a ficar mais apreensiva e não deu muito tempo para que o sujeito colaborador pudesse construir o pensamento, dificultando, assim, o processo de aprendizagem.

Recorte 3 – Protocolo de História

37. P- E o que são as tribos?

38.C- É ++ é um conjunto de pessoas que moram em um certo lugar, essas

pessoas elas tem várias coisas em comum, é o modo de sobreviver, a língua , às vezes ela é diferente? Ela... ela tem um, tipo um presidente que manda na tribo, que toma as decisões e do povo que mora ... Só [pensando]

39.P- E você sabe me dizer um exemplo de tribo?

40.C- É ++ [pensando] os índios! E o exemplo de presidente é o pajé

41.P- É alguém, uma pessoa que manda né?

42.C- Sim

43.P- O que você falou tá certo! É um conjunto de famílias que tem alguém da

44.família, como se fosse um patriarca , por exemplo, que manda nas, na tribo

45.e nas pessoas que são a família. Tá certo?

Ao observar e analisar a entrevista pode-se identificar que a pesquisadora não tem corrigido o sujeito colaborador o que tem prejudicado o segundo no seu processo de aprendizagem, mas foi um alerta para que a primeira fique mais atenta. Mesmo havendo relacionado o seu senso comum com o conteúdo proposto, a aluna tem se equivocado e a pesquisadora, por não ter conhecimento sobre o assunto,

não interferiu em sua resposta, logo houve uma falha no processo de mediação devido à falta de preparação da mediadora. A pesquisadora perdeu a oportunidade de dizer que quem governa a tribo é o cacique. O sujeito colaborador, ao relacionar os conteúdos propostos com os seus conhecimentos prévios sentiu-se mais segura e isso lhe proporcionou mais segurança e vontade de continuar a atividade.

De acordo com as estratégias de leitura desenvolvidas por Solé e de acordo com os princípios de Jaremy Harmer (1998), citados por Antunes (2009), o sujeito precisa estabelecer relações entre os seus conhecimentos prévios e os conteúdos propostos pelo texto, como foi realizado pelo sujeito colaborador no desenvolvimento da atividade. A atribuição de sentido se dá a partir das vivências e dos conhecimentos prévios que o sujeito possui.

A pesquisadora podia ter dito à Raiane de atentar-se às características do texto para que esta o reconhecesse o mesmo gênero textual em outras ocasiões e para que estabelecesse as estratégias apropriadas para a própria tipologia textual. O aluno, a partir disso, irá desenvolver a sua autonomia no ato de selecionar as informações de um texto de acordo com as próprias necessidades e, além disso, escolher textos que lhe agradam.

No decorrer do protocolo, a pesquisadora tentou sempre resgatar as informações do texto para que a criança pudesse organizar seus pensamentos e as diversas informações a fim de compreender melhor o texto. A síntese é um método importantíssimo que auxilia o aluno a selecionar as informações a partir do seu interesse.

Recorte 4 – Protocolo de História

52.P - Tá certo! E o que você acha que são as comunidades? A gente viu as sociedades e as tribos. Você sabe o que são as comunidades? Tem alguma coisa que você acha que é comunidades?

53.C- [pensando]

54.P- Olha a palavra comunidades, tem alguma coisa que, que você acha que é a comunidade?

55.C- [confusa e pensante] É... [pensando]

56.P – Comunidade. Olha a palavra comunidade. Você acha alguma coisa da palavra?

Neste trecho é possível identificar que o sujeito colaborador começou a utilizar-se da inferência para extrair o significado da palavra. A inferência é uma das estratégias sugeridas por Isabel Solé, a qual afere a importância na compreensão textual e na ampliação de vocabulário que, por sua vez, irão ampliar a competência comunicativa do sujeito como mostrado por Bortoni-Ricardo (2004).

A pesquisadora, neste trecho, utilizou da estratégia da inferência para resgatar as informações do texto a fim de diferenciar os vários significados que, a maioria das vezes, são utilizados como sinônimos pela grande parte da sociedade. A importância de ter o conhecimento do significado das palavras faz com que o sujeito, que está aprendendo uma língua estrangeira, possa ter mais acesso à compreensão de um texto. A memorização das palavras é um procedimento importantíssimo no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e, para isso, o sujeito precisa estabelecer relações entre as palavras e os significados da sua língua materna com a língua estrangeira para que esta memorização se torne uma aprendizagem.

Recorte 5 – Protocolo de História

- 60.P- tá certo. A escola tem uma comunidade que visa o quê? um objetivo?
 ela tem um mesmo objetivo? os professores? os diretores? os coordenadores? as famílias também? Elas querem o quê? Querem que o aluno passe de ano e seja competente para passar de ano. Que tenha a capacidade. Tá certo! Qual o significado da palavra cultura, você sabe?
- 61.C- Não ++ [pensando] não exatamente!
- 62.P- Não?
- 63.C- Não
- 64.P- Pensa. Vamos olhar no dicionário?
- 65.C- Vamos!
- 66.P- Aqui, olha, lê aqui! Cultura +++
- 67.C- [Lendo o dicionário] Desenvolvimento intelectual, conjunto de
- 68.conhecimentos adquiridos em uma determinada área de atividade,
- 69.conjunto de atitudes e comportamentos que caracterizam certa
- 70.mentalidade.
- 71.P- Então, a sociedade ela tem uma cultura?
- 72.C- tem
- 73.P- a civilização, ela tem uma cultura?
- 74.C- tem!
- 75.P- e as tribos?
76. C- também!

Neste fragmento do protocolo é possível identificar que a pesquisadora traz a todo o momento questionamentos sobre o texto ao sujeito colaborador a fim de que este construa seu próprio raciocínio e pensamento o que, conseqüentemente irá ajudá-lo a compreender e, além disso, a desenvolver a criticidade juntamente à prática de leitura. A importância de questionamento está em fazer com que o leitor estabeleça relações a partir do texto com diversos conteúdos e que constitua os próprios conceitos com base nas concepções do autor.

O questionamento é prática que mostra a compreensão do sujeito que lê e como este aplica os seus conhecimentos prévios com relação ao texto. Para que haja o estabelecimento de uma relação entre os conteúdos e as vivências do sujeito, é necessário que este, ao estudar uma língua estrangeira, tenha uma noção básica sobre a cultura e os costumes de determinado país.

A pesquisadora, em sua prática, utilizou-se da estratégia do questionamento a qual foi desenvolvida por Isabel Solé e por Kleiman. Esta estratégia é de extrema importância na prática de leitura por ser a chave para se atingir a compreensão de um texto, saindo da visão de que a leitura é uma atividade que se baseia somente na decodificação de signos e significados.

Pode-se identificar que a pesquisadora trouxe o vocabulário como sendo outra estratégia da qual o sujeito colaborador poderia se apropriar para facilitar o entendimento de um texto. O hábito do uso do vocabulário é muito importante para que o sujeito desenvolva autonomia diante da leitura.

Recorte 6 – Protocolo de História

- | | |
|------|--|
| 128. | P- você sabe o que são as monarquias? |
| 129. | C- Sei |
| 130. | P- e o que são as monarquias? |
| 131. | C- É tipo um reino? [confusa] |
| 132. | P- um reino? |
| 133. | C- É |
| 134. | P- Como assim? Fala mais! |
| 135. | C- é tipo, são povos que são governados por um rei + uma rainha? |
| 136. | P- Sim, e qual... Você sabe um exemplo? |
| 137. | C- Sei, na Inglaterra! |
| 138. | P- Então, na Inglaterra. Está certo, um rei |
| 139. | C- Isso |
| 140. | P- Que detêm todo o poder |
| 141. | C-Isso |
| 142. | P- Sobre os seus súditos. Tá certo? |
| 143. | C- tá [duvidosa] |
| 144. | P- Você acha que tá certo? |
| 145. | C- tá |

Neste trecho do protocolo, a pesquisadora utilizou-se da estratégia da inferência onde, a partir de uma palavra provocou-se o sujeito colaborador ao questionamento sobre o seu significado a fim de facilitar a compreensão leitora. Observa-se, com esta prática, que o sujeito colaborador começou a ter um raciocínio mais rápido introduzindo os seus conhecimentos prévios para relacioná-los com o contexto proposto.

A pesquisadora fez uma série de perguntas para que o sujeito colaborador organizasse seu pensamento e, a partir disso, aplicasse os seus conhecimentos prévios. A inferência é necessária para que o sujeito possa compreender e constituir um raciocínio que vai além do texto proposto e, assim, analisar as diversas instâncias que a leitura abrange. O professor deve mostrar e instigar o aluno para o hábito de leitura e do uso do dicionário, entre outros.

Pode-se inferir que, ao ser questionado o significado da palavra “MONARQUIA”, o sujeito colaborador utilizou-se dos seus conhecimentos prévios através a estratégia da inferência. Advinda da Europa, a Raiane tinha conhecimento sobre determinada cultura e tradições sobre a Inglaterra, logo isso a auxiliou para

compreender o texto. Neste caso é importante perceber como as interações sejam fundamentais para que o sujeito se habilite sempre mais se tornando assim um leitor mais ativo.

Recorte 7 – Protocolo de História

| | |
|------|---|
| 267. | C- [Lendo] Essa cabeça colossal, esculpida em um bloco único, representa um governante... um governante. Escultura olmeca dos... De cerca 2000 a.C. |
| 268. | P- Então, você sabe o que que é a palavra colossal? |
| 269. | C- hum [pensando] não! |
| 270. | P- Não sabe, não? |
| 271. | C- lembra, sei! |
| 272. | P- Ela te lembra o que? |
| 273. | C- A palavra “grande” [risos] |
| 274. | P- Por quê? |
| 275. | C- Por causa do Mcdonalds que tem a casquinha que é o Mc Colosso, essa casquinha é diferenciada porque ela é maior do que das outras |

Como pode ser observada no decorrer da pesquisa, a pesquisadora tem focado a questão do vocabulário que é um dos elementos importantíssimos para que haja a compreensão textual de um sujeito que está aprendendo uma língua estrangeira.

O sujeito colaborador trouxe diversas vezes os seus conhecimentos prévios e, no trecho acima, identifica-se que foi utilizada a estratégia de inferência para que se pudesse extrair o significado da palavra. A partir disso, observa-se que a aluna começou a estabelecer esquemas que propiciam para a aprendizagem e o entendimento textual. O entendimento sobre as palavras é de extrema importância para o entendimento textual.

De acordo com Freitas (2012):

Os melhores resultados para desenvolver o vocabulário de leitores principiantes têm sido observados quando se empregam métodos mistos, que além da busca pelo significado, incluem estratégias de associação de ideias, aprendizado de definições e conceitos, muito treino pela repetição e pela criação de novas sentenças e contextos

para as palavras novas, ativando e ampliando o “vocabulário expressivo” da criança. (P. 74)

Pode ser observado o alto nível de criatividade e o rápido raciocínio na resposta da aluna. Isso fez com que a criança se sentisse mais segura ao responder o que, conseqüentemente, ajudou a pesquisadora a se sentir mais calma e segura na sua mediação, pois percebeu que sua prática estava tendo bons resultados. De acordo com Freitas (2012), para que se chegue à obtenção de uma compreensão é necessário ativar os conhecimentos prévios que, por sua vez, envolvem diversos conhecimentos entre os quais há o linguístico, textual e enciclopédico.

A pesquisadora mostrou-se mais calma, segura e deixou o sujeito colaborador pensar com mais tempo. A importância do tempo é o de ajudar o aluno a pensar e organizar melhor e com mais calma sobre o que lhe está sendo proposto. A constituição dos significados se dá através a interação que o sujeito estabelece com os conteúdos do texto com base nos seus conhecimentos.

Além disso, neste trecho do protocolo foram trabalhados os textos multimodais que contribuíram para a compreensão do significado das palavras através a inferência. Os textos multimodais foram fundamentais para complementar os textos contínuos e para que o sujeito colaborador compreendesse a importância desses como auxílio para a compreensão.

A identificação do significado das palavras pode estar contidas no textos multimodais e nos textos não contínuos, porém, na prática foi observado que o sujeito colaborador não se utiliza desses em sua compreensão. As imagens contêm muitas informações que são importantes para a compreensão e para o estabelecimento de uma comunicação que é resultante de um produto cultural.

Recorte 8 – Protocolo de História

337.P- Que tem um acento! Você sabe o que é uma cordilheira?

338. C- Não [risos]

339. P- Então, os chavíns, eles se estabeleceram na cordilheira dos Andes que está na... No Perú, na atual região do Perú. A cordilheira é o que? Você sabe? Nem imagina o que pode ser?

340.C- [pensando] não...

341.P- Então olha aqui. A cordilheira é um conjunto de serras contínuas. Então é uma série de montanhas de nível variado... Então tem uma montanha maior... é irregular... Tem uma montanha maior, uma montanha menor e assim vai! Mas além dos chavíns teve... Tiveram outras civilizações ou teve só essa?

342.C- + não, tiveram várias!

343.P- Então, essa cordilheira tinha o que?

344.C- Montanhas, desertos florestas tropicais

Observa-se que a pesquisadora tem utilizado o recurso de resumo para que o sujeito colaborador lembrasse e fixasse as informações mais importantes para os textos. A estratégia de resumo é importante para verificar se o leitor está tendo uma compreensão efetiva. Nisso estarão contidas as informações que foram selecionadas. É necessário que o aluno que está estudando uma língua estrangeira explore o vocabulário e se utilize de estratégias como os resumos, a fim de organizar os pensamentos.

A pesquisadora traz diversas vezes a estratégias de resumo para que o sujeito colaborador possa extrair e reforçar as informações que o texto propõe no decorrer da leitura. O hábito do resumo é uma estratégia importante para quem está aprendendo uma segunda língua. Esta prática proporciona ao leitor uma ampliação de conhecimentos e o estabelecimento de novas relações.

Foi possível identificar que a pesquisadora utilizou, em sua prática um modelo interativo de leitura o qual é defendido por Solé (1998). Esta prática foi utilizada com o intento de envolver e instigar o aluno à aquisição de estratégias e ao estabelecimento dessas na criação de esquemas que facilitem a compreensão.

Como foi dito anteriormente, os encontros aconteceram em dois dias. No início de cada começo de atividade, o sujeito colaborador mostrou-se nervoso e ansioso, depois de 20 minutos, apresentou cansaço e desinteresse pela atividade.

Por este motivo, na primeira atividade a pesquisadora começou a ficar ansiosa pelo fato de a aluna não estar respondendo como a pesquisadora esperava e por estar dispersa.

A partir do momento em que a pesquisadora percebeu o cansaço da aluna, ficou angustiada o que a prejudicou a sua prática de mediação, pois começou a realizar perguntas que não estavam propriamente claras o que, consequentemente, dificultou o raciocínio da aluna para responder.

Ao realizar a segunda parte da atividade, a aluna pareceu começar a ter mais interesse e a ter um maior desempenho ao responder as diversas perguntas. Além disso, pode-se observar que o sujeito colaborador estabeleceu uma relação dos seus conhecimentos prévios com os conteúdos abordados, o que fez com que ela despertasse certo interesse.

A posição da pesquisadora foi a de mediar a atividade de leitura para compreender quais as habilidades, estratégias e métodos que o sujeito colaborador tem para atingir a compreensão de um texto. Inicialmente, a pesquisadora estudou sobre o assunto e elaborou um roteiro com diversas perguntas que serviriam como eixo para a realização da atividade. Foram utilizadas, neste processo, perguntas de cunho inferencial, objetivo e crítico reflexivo.

Ao analisar o comportamento da pesquisadora foi possível identificar que esta ficou nervosa e ansiosa nos momentos em que o sujeito colaborador não mostrava interesse ou ficava em silêncio. Diante disso, a pesquisadora apresentou, em diversos momentos, muitas informações sobre o conteúdo do texto para a Raiane, o que pode ter atrapalhado o raciocínio e a construção lógica de seus pensamentos.

A pesquisadora, no decorrer da atividade, relacionou os conhecimentos prévios do sujeito colaborador, com o assunto abordado, como de acordo Bittencourt (2011), a fim de que se despertasse o interesse da criança para o conteúdo proposto.

O vocabulário foi trabalhado constantemente a fim de que o sujeito colaborador pudesse compreender que para a compreensão de um texto se baseia

no entendimento dos diversos significados das palavras e conceitos relacionados com o conteúdo abordado.

No modelo ascendente de Alarcão (2001), citado por Antunes (2009), o sujeito começa a compreender um texto a partir das partes menores, que abrange o significado das palavras, para se chegar à compreensão do todo.

As perguntas inferenciais foram utilizadas para entendimento e compreensão das palavras. Além disso, o senso comum e a criticidade da aluna foram utilizados para melhor compreensão do texto apresentado. A pesquisadora, com essas práticas de leitura, tem como objetivo mostrar ao sujeito colaborador diversas técnicas de compreensão textual para que este possa trazê-las para si, a fim de melhorar o seu entendimento.

De acordo com Rodrigues e Silva (2004) e Bittencourt (2011), é preciso que o aluno relacione o seu conhecimento com os vários conteúdos que o envolvem, além de entender as mudanças que ocorreram na história, o que contribuirá para o seu reconhecimento, como sujeito, dentro da sociedade.

Rodrigues e Silva (2004) explicitam que os conhecimentos prévios são importantes para que o indivíduo se aproprie dos conteúdos dando sentidos a este. No decorrer da atividade, a colaboradora relacionou o seu senso comum com o conteúdo proposto, o que a ajudou a compreender melhor o significado das palavras.

Ainda de acordo com Rodrigues e Silva (2004), é importante que o professor tenha a capacidade de compreender as dificuldades do aluno e, com base nestas, desenvolver estratégias que facilitem a compreensão da aluna no seu processo de leitura. O vocabulário, a grande dificuldade evidenciada pela aluna, foi desenvolvida a estratégia explicitada por Solé (1998), que se baseia em identificar o significado da palavra, seja de forma inferencial, que utiliza os conhecimentos prévios, seja com a utilização do vocabulário.

Além disso, foram utilizadas perguntas referentes à localização das informações no texto, o que fez com que a criança criasse uma relação com o texto apresentado e percebesse a riqueza deste nos mapas e nas imagens, por exemplo. De acordo com as estratégias de Solé (1998), foram utilizadas as práticas referentes

a perguntas inferenciais, objetivas e crítico-reflexivas, o que ajudaram o sujeito colaborador a perceber que, a leitura vai além do que está sendo proposto de forma explícita nos textos.

O vocabulário, como apresentado por Solé (1998), foi de grande importância para o processo de aprendizagem e de leitura, pois fez com que o sujeito colaborador percebesse que para se entender quaisquer textos, é necessário que haja a compreensão dos termos.

Ao fim da atividade, pode-se perceber que a aluna mostrou mais interesse pela disciplina de história e começou a identificar a importância da leitura e dos seus conhecimentos prévios para o entendimento de um texto.

2. 2º Encontro

O segundo protocolo de leitura se referiu à disciplina da língua portuguesa e foi escolhida a crônica como sendo base da atividade. Ao iniciar o texto, a pesquisadora explicitou para o sujeito colaborador sobre o tipo de texto que estava sendo proposto e sobre o porquê da realização da atividade.

A importância de conscientizar novamente a aluna estava em fazer com que esta ficasse mais tranquila e falasse com naturalidade. Diferentemente do primeiro protocolo a aluna mostrou-se interessada e mais envolvida no decorrer das perguntas mostrando uma afinidade com o texto proposto.

Por ter uma linguagem mais simples, rápida e própria dos adolescentes, o sujeito colaborador tem se envolvido mais, falando mais e respondendo as perguntas de forma mais complexa com um grande número de informações advindas dos seus conhecimentos prévios. A pesquisadora mostrou-se mais calma e deixou o sujeito colaborador pensar por mais tempo e organizar seu pensamento para responder. Isso fez com que este último ficasse mais tranquilo e à vontade para expor os seus conhecimentos.

Com o passar das perguntas, o sujeito colaborador começou a ter mais segurança sobre os conteúdos e ter um pensamento mais organizado. A cada pergunta a pesquisadora tentou retomar os conceitos para que o sujeito colaborador compreendesse melhor e organizasse de maneira mais clara o seu pensamento.

Ao exteriorizar os seus conhecimentos prévios, o sujeito colaborador sentiu-se mais seguro e pôde organizar melhor os seus pensamentos, mesmo que, diversas vezes, tenha mostrado em alguns momentos, certa dificuldade em falar.

A pesquisadora poderia ter realizado mais perguntas para explorar os conhecimentos da criança e feito perguntas mais elaboradas. Com esse segundo protocolo, percebeu-se que o sujeito colaborador estava mais atento ao que o texto propunha e às palavras inseridas no texto. Além disso, em determinado momento, a Raiane chamou a atenção da pesquisadora mostrando-lhe o glossário presente ao lado do texto.

Diferentemente do primeiro protocolo, o sujeito colaborador mostrou-se mais seguro e participativo. O texto escolhido pode ter contribuído para que houvesse um melhor desempenho da aluna na atividade, pois é uma crônica que aborda temas atuais e tem uma linguagem mais clara e se aproxima da linguagem utilizada pelos adolescentes.

Inicialmente a pesquisadora realizou uma reflexão sobre o título do texto e sua estrutura, chamando a atenção da Raiane para que ela identificasse as características do gênero textual que estava sendo abordado. Além disso, a pesquisadora mediou o processo de aprendizagem dando caminhos para que o sujeito colaborador chegasse a construir os seus conceitos. A pesquisadora tentou fazer com que a aluna refletisse sobre o gênero textual dando a esta os caminhos para poder chegar à própria construção de conceitos.

Recorte 1 – Protocolo de Língua Portuguesa

Neste trecho a seguir, a pesquisadora começou a atividade questionando o significado do título ao sujeito colaborador, com o intento de que este refletisse com base em seus conhecimentos prévios. A interação entre o leitor e o texto gerou uma aproximação destes o que facilitou o processo de aprendizagem.

1. C- [Lendo] Nossos netos não vão comer Pastel!
2. P- O que você acha que o texto vai falar?
3. C- [pensativa]+++
4. P- Olhando para o título...
5. C- Que no futuro, talvez, não existam mais pastel? [risos]. Não sei [risos]
6. P- sim
7. C-É, é isso!?

Segundo Solé (1998) é importante que o professor faça uma reflexão sobre o título junto ao aluno, para que ele possa iniciar a leitura estabelecendo relações e fazendo inferências sobre o conteúdo que possivelmente o autor irá abordar.

De acordo com Jaremy Harmer (1998), (cf. Antunes 2009), o professor deve mediar o processo de aprendizagem para o aluno que está aprendendo uma língua estrangeira. É importante que o sujeito que está aprendendo uma língua estrangeira se questione sobre o significado das expressões e das palavras que compõem um texto com base nos seus conhecimentos prévios e considerando o contexto no qual está inserido.

Recorte 2 – Protocolo de Língua Portuguesa

1. P- Você acha que isso teria algum problema? + usar o óleo de cozinha?
2. C- [Pensativa] Tem... Mas não acho que é o caso de não usar, mas
3. P- E qual seria o problema?
4. C- [Pensativa] É... Tipo o... O ++ não tá vindo a palavra... Iria fazer mal para as pessoas, ia causar entupimentos, ia gerar u... A sujeira no meio ambiente
5. P- E que tipo de sujeira?
6. C- Nos lagos, nos rios ++
7. P- E o que mais?
8. C- hum, só isso mesmo! x Na natureza em geral
9. P- E você falou que o óleo é um vilão, você sabe o que é ser um vilão?
- 10.C- É tipo um malvado da história.
- 11.P- Então o óleo é o malvado da história?
- 12.C- No texto é o que diz
- 13.P- Por quê?

Neste momento, a pesquisadora tentou instigar o sujeito colaborador a se questionar a fim de resgatar as informações que podem estar além do que o texto aborda. O professor deve mostrar para os alunos que um texto pode ter múltiplas interpretações quanto aos objetivos, pois cada indivíduo tem um determinado

objetivo ao realizar uma leitura e uma subjetividade que o influencia no ato de compreender um texto.

Para a compreensão textual e para que se possam relacionar os diversos conteúdos com o cotidiano do aluno, este deve ter uma base de conhecimentos que possibilitem a sua compreensão. O aluno que está aprendendo uma língua estrangeira necessita ter uma noção sobre as culturas, a história e as tradições do país do qual ele está se apropriando da língua.

A compreensão da leitura requer uma fundamentação no que se refere aos conhecimentos prévios. As interações com o meio propiciam a aprendizagem e isso, conseqüentemente, ajudará o leitor, que está aprendendo uma língua, a entender melhor as expressões e os conteúdos de determinada leitura.

A prática de leitura vai além da decodificação de palavras e signos, por trás deve haver toda uma contextualização para que se possam perceber as circunstâncias nas quais se estrutura o texto. A pesquisadora, neste excerto, mostrou-se mais calma e deu mais tempo para que o sujeito colaborador pudesse organizar os seus pensamentos e pudesse raciocinar melhor.

É possível identificar que o sujeito colaborador começou a pensar em voz alta. Essa prática está relacionada à zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky, o qual afirma que o sujeito, nesta fase, está se utilizando de instrumentos que proporcionem o desenvolvimento e, conseqüentemente, a aprendizagem, passando assim para a zona de desenvolvimento Potencial.

A fala é um dos instrumentos utilizados pela criança para que esta possa organizar de forma mais clara os seus pensamentos e suas ações. Neste caso, a Raiane utilizou-se da fala para organizar os seus pensamentos a fim de compreender melhor os conteúdos abordados.

No decorrer do texto, a pesquisadora introduz estratégias com o objetivo de fazer com que o sujeito colaborador se aproprie dessas para utilizá-las em sua prática de leitura, possibilitando assim, a obtenção de uma melhor compreensão textual. Segundo Collins e Smith (1980), citados por Solé (1998), é importante que o professor, sendo mediador do processo de aprendizagem, disponibilize estratégias a fim de que os alunos se apropriem e as utilizem.

Posteriormente, estas estratégias serão executadas de forma automática e o leitor terá mais facilidade ao ler um texto. Quanto mais praticada a leitura, mais ampla e rápida se tornará a leitura.

Recorte 3 – Protocolo de Língua Portuguesa

- 15.- E você acha que poderia ser substituído o óleo? Ou ficaria o óleo do mesmo jeito, mesmo fazendo mal?
- 16.C- Deveria ser [pensando] é... Deveria continuar sendo óleo... Não sei. [balançou a cabeça dizendo não]. Ou, não, deveria ser substituído, mas o jeito é continuar usando ele.

Nesse excerto, a pesquisadora tentou identificar a criticidade da Raiane, no ato de propor uma pergunta que tinha como objetivo perceber como os conteúdos propostos poderiam ser relacionados aos seus conhecimentos prévios e aos seus ideais e como poderiam ser aplicados os conhecimentos propostos. A pesquisadora, neste caso, poderia ter extraído mais informações do seu sujeito colaborador a fim de que esse ampliasse a discussão e pensasse mais.

Recorte 4 – Protocolo de Língua Portuguesa

- 67.P- Isso! Aqui tem a pala... Verbo “pipocar”. Você sabe o que é o pipocar nesse sentido? Qual o sentido de pipocar?
68. C- no sentido de aparecer... Estourar notas xxx
- 69.P- x tá certo. O pipocar notas. O que significa pipocar notar?
- 70.C- Aparecer notas
- 71.P- Você sabe o significado de notas?
- 72.C- É... Notícias...

Neste trecho, a pesquisadora introduziu a estratégia da inferência para que o sujeito colaborador tentasse fazer uma inferência a fim de compreender o significado da palavra. O intento da inferência é o de fazer com que o sujeito colaborador pudesse pensar sobre os conteúdos abordados estabelecendo relações com os seus conhecimentos prévios. Ao mostrar seus conhecimentos a criança tornou-se mais segura e confiante.

Recorte 5 – Protocolo de Língua Portuguesa

- 17.C- Aqui? [apontando para o texto]. [Lendo] Sabíamos que jogar óleo usado na pia podiam causar um grande entupimento.
- 18.P- em que linha está?
- 19.C- +++ [apontando para o texto e contando as linhas] Um, dois , três, quatro, cinco, seis, sete... Tá na oitava linha a... Até a décima primeira!
- 20.P- Em qual parágrafo?
- 21.C- No primeiro parágrafo!

Já neste excerto é possível identificar as perguntas objetivas que tem como objetivo verificar se o sujeito colaborador sabe procurar as informações em um texto. Este é o primeiro passo dar início à prática de uma leitura seletiva, onde o leitor seleciona as informações necessárias de acordo com seu objetivo. As perguntas objetivas são importantes, pois fazem com que o leitor se aproxime do texto mostrando.

Recorte 6 – Protocolo de Língua Portuguesa

- 22.P- Aqui tá falando sobre a crônica. Você entendeu então, o que é a crônica?
- 23.C- Sim
- 24.P- Então o que que é a crônica, então?
- 25.C- É um... É um texto em formato informativo, onde pode... pode estar escrito tanto uma notícia quanto uma história
- 26.P- Isso. Tem um pouquinho do que você falou. É um texto, é um gênero textual que é como se fosse uma narração né? A gente narra acontecimentos aqui fatos, informações. Ela pode esta em primeira pessoa sempre... É... Pode ser um texto de humor, de crítica, de sátira e ela tem uma ordem cronológica né?
- 27.C- Sim
- 28.P- Como a gente viu. E a linguagem , você achou difícil? Fícil? Ou você achou simples
- 29.C- Eu... Eu achei fácil fora a parte onde eles falavam a palavra fictoplâncton, mas foi fácil.

Neste excerto é possível identificar que a pesquisadora analisa juntamente ao sujeito colaborador o nível de dificuldade do texto que foi abordado e quais as características que caracterizam uma crônica. Esta prática realizada pela pesquisadora é fundamental, pois faz com que o leitor se aproxime da leitura e a veja de maneira mais prazerosa.

Mostrar o objetivo do texto, a relação com o cotidiano, explorar o texto percebendo as suas características e a linguagem podem ser requisitos que instiguem o sujeito à prática de leitura. Para Solé (1998), é importante que o leitor compreenda os objetivos do texto e, a partir disso, comece a diferenciar os gêneros textuais para poder, posteriormente, selecionar suas leituras.

A pesquisadora, muitas vezes, utilizou-se da estratégia do resumo oral para poder averiguar se o sujeito colaborador conseguia redigir, com as suas palavras, o conteúdo do texto. Pôde ser observado que, com o passar do tempo, a Raiane sentiu-se mais segura na leitura mostrando com melhor desenvoltura os seus conhecimentos.

Ao comparar os dois protocolos é possível identificar grande melhora na prática de leitura da Raiane que, por sua vez, relatou que a partir do primeiro protocolo começou a utilizar-se mais das estratégias de leitura. Isso pode ser visto no protocolo 2, em que ela falou mais à vontade, mostrou ter mais segurança e autonomia no ato da leitura, além de mostrar um raciocínio mais rápido no ato de relacionar os seus conhecimentos prévios com os conteúdos propostos. A pesquisadora mostrou-se mais calma e realizou perguntas que instigassem o sujeito colaborador à discussão, mas ainda precisa melhorar sua prática no que se refere a ampliar as perguntas e extrair mais informações.

A pesquisadora, no decorrer da pesquisa, mostrou uma grande melhoria quanto a sua mediação. Enquanto no primeiro protocolo ela apresentou-se mais nervosa e ansiosa, no segundo protocolo mostrou-se mais segura e mais próxima do texto abordado e da colaboradora o que contribuiu na melhoria da sua mediação. A pesquisadora, por ter a irmã como colaboradora, não mostrou muito incentivo aos acertos no decorrer dos protocolos.

No início da pesquisa, a colaboradora apresentou diversas dificuldades quanto ao significado de expressões e palavras que o texto do protocolo I propunha. Com o passar do tempo, pode-se identificar que a colaboradora começou a ter mais autonomia e começou a se apropriar das estratégias de leitura para compreender o texto. No protocolo de leitura II, a colaboradora demonstrou autonomia ao utilizar-se das estratégias de leitura e ao aplicá-las. Este resultado motivou a pesquisadora em sua prática, pois esta percebeu que a sua mediação estava dando resultados positivos na aprendizagem da colaboradora.

Após os protocolos propostos, a colaboradora começou a ter mais interesse pelas disciplinas e mais paciência para estudar constituindo uma rotina em que foram inseridos hábitos de leitura e o de fazer os deveres de casa. Esse fato tem mostrado maior interesse da aluna frente às disciplinas o que, conseqüentemente, se refletiu em suas notas e fez com que ela se sentisse motivada a continuar no seu ritmo de estudo.

Aos poucos se pode identificar que as notas e o interesse da colaboradora pelo estudo e pela escola aumentaram. As estratégias utilizadas pela pesquisadora no ato da pesquisa foram fundamentais para que a aluna ampliasse suas estratégias de leitura.

Neste capítulo foi mostrado, destrinchado e analisado o resultado da pesquisa em uma perspectiva crítica. Pode-se identificar que a pesquisadora, através da sua prática, influenciou o comportamento do sujeito colaborador. No segundo encontro é possível observar a melhoria na prática mediadora da pesquisadora e uma nova postura do sujeito colaborador, que se utilizou de novas estratégias e habilidades para a compreensão textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de pesquisa apresentado teve o intento de mostrar a importância do processo de mediação de leitura com uma criança que tem o português como segunda língua, e como determinados fatores podem influenciar na prática de compreensão.

Por ser a primeira vez que a pesquisadora exerceu o papel de docente, pode-se identificar, em seu comportamento, nervosismo e ansiedade ao perceber que, em alguns momentos, a aluna não estava prestando atenção na atividade.

Ao observar a pesquisadora percebeu-se que esta precisa melhorar sua prática, ficando mais calma, paciente, segura de si e incentivando seu aluno em seus acertos. Isso, conseqüentemente, irá influenciar diretamente em sua mediação o que pode atrapalhar o processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Além disso, a pesquisadora precisa dar mais espaço para que a aluna possa se expressar com maior liberdade e se sinta mais à vontade para raciocinar e organizar seus pensamentos, permitindo assim que esta amplie seus conhecimentos, suas estratégias e habilidades na leitura.

Pode-se observar que a pesquisadora necessita melhorar sua prática docente no que se refere à quantidade de informações e explicações dadas ao sujeito colaborador. Precisa melhorar a sua mediação no ato de fazer com que as questões propostas sejam claras e que, por sua vez, proporcionem melhor reflexão e compreensão dos conteúdos.

O professor deve fazer com que a criança construa seu conhecimento a partir da mediação, por este motivo é importante que os conteúdos não sejam depositados no aluno como mercadorias, mas sim trabalhados para que haja uma reflexão sobre estes. Um conglomerado de informações pode fazer com que o aluno se confunda e não consiga organizar seus pensamentos, como ocorreu principalmente no protocolo número 1.

Nas próximas atividades, a pesquisadora deverá ter mais segurança em sua fala, conter a sua ansiedade e tentar elaborar perguntas mais claras, além de

dominar o assunto abordado. Além disso, deverá ter mais atenção na fala da aluna, para que os eventuais “erros” conceituais da colaboradora não sejam cometidos.

Os objetivos da pesquisa, que eram o de perceber como se dá a mediação de leitura com um sujeito que tem o português como segunda língua, foram alcançados. A pesquisadora percebeu que entre as estratégias utilizadas foi importantíssima aquela referente à utilização do vocabulário, pois o sujeito colaborador não conhecia determinadas palavras, o que a prejudicaria na compreensão textual.

Esta pesquisa tem sua significância, particularmente, no mundo atual que está permeado pelo processo da globalização. Neste processo, muitas são as famílias que se transferem e muitos são os casos de pessoas que querem aprender uma segunda língua e precisam de cuidados neste processo de aprendizagem.

Por fim, a importância dessa experiência mostrou à pesquisadora que para mediar a leitura precisa-se de uma exercitação que envolve tanto o sujeito colaborador quanto o professor-tutor-mediador, por ser uma prática complexa e difícil. A prática docente deve começar no decorrer da formação do pedagogo ainda na faculdade, para que se possa aperfeiçoá-la e apreender sempre mais.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

O curso de pedagogia proporcionou-me diversas ideologias, reflexões e ideais que me instigaram a obtenção de um maior interesse pela área da educação. A partir do estudo das diversas áreas e do comprometimento que estabeleci com a educação no decorrer do curso, acredito que seja importante que os professores promovam uma formação continuada que, conseqüentemente, irá se espelhar na prática pedagógica dentro da sala de aula.

Tendo em vista o meu percurso acadêmico, tenho como projetos futuros continuar os meus estudos na área da sociolinguística em uma pós-graduação e trabalhar como professora nas séries iniciais. É importante que nós, recém-graduados em Pedagogia, tenhamos contato com a sala de aula que é o maior foco do curso.

Os pedagogos precisam entrar na sala de aula e aplicar os seus conhecimentos na sua prática a fim de melhorar a qualidade do ensino e fazer a diferença. A partir do momento em que os ideais são propostos em uma prática e haja uma relação entre a teoria e a prática, é possível identificar diversas mudanças no processo de ensino e aprendizagem.

Os valores que foram constituídos no decorrer do curso são extremamente importantes para que se possa sair de uma prática totalmente tradicional para outra onde o aluno seja o protagonista do processo de aprendizagem e para que o professor construa os conhecimentos juntamente com os alunos.

O ato de ouvir o aluno, de utilizar seus conhecimentos prévios, de conhecer a vida do aluno e de compreender as suas dificuldades relacionando-as com o real são práticas que utilizarei para que o processo de ensino e aprendizagem seja efetivo e contenha propósitos positivos.

REFERÊNCIAS

AMADO, Rosane de Sá. *Português Segunda Língua: perspectivas para a pesquisa linguística e o ensino pluri- e intercultural*. Disponível em: revistas.fflch.usp.br/papia/article/download/1678/148 Acessado em: 27 de agosto de 2013

ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papirus, 2005

ANTUNES, M. F. Carvalho. *Leitura em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira*. Disponível em: http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20385?mode=full&submit_simple=Mostrar+registo+em+formato+completo Acessado em: 11 de setembro de 2013.

BRASÍL. *Projeto de lei*. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/831421.pdf> Acesso em: 29 de agosto de 2013.

BERUTTI, Flávio & MARQUES, Adhemar. *Ensinar e aprender história*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de história*. Fundamentos e métodos. Ed.Cortez, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et alii. *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012.

CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre teoria e prática*. 6ªEd. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FLORES, Onici Claro. *Como avaliar a compreensão leitora*. Signo. V.32, 2007.

FRAGOZO, Carina Silva. *Cultura e sociolinguística no ensino e na aprendizagem de língua estrangeira*. Fólio. Revista de Letras. Vitória da Conquista. v. 3, n. 1 p. 151-167, jan./jun. 2011.

FREITAS, M. T. Assunção; COSTA, S. Roberto. *Leitura e escrita na formação de professores*. Juiz de Fora: Musa Editora, 2002.

FULGÊNCIO, Lúcia e LIBERATO Yara. *Como facilitar a leitura*. São Paulo: Contexto 1998.

GOULART, Nathalia. *Hábito de leitura cai no Brasil, revela pesquisa*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/habito-de-leitura-no-brasil-cai-ate-entre-criancas> Acesso em: 29 de agosto de 2013.

GIASSON, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Porto: Edições Asa.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. - São Paulo: Atlas. 1987

HONORATO, Renata. *Desempenho dos alunos brasileiros está abaixo do ideal*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/desempenho-dos-alunos-brasileiros-fica-bem-abaixo-da-media-mundial> Acesso em: 29 de agosto de 2013.

KLEIMAN, A. *Leitura, ensino e pesquisa*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989.

KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

INEP. *Certificado de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros*. Ministério da Educação, 2013.

LEITE, Cristina Maria Costa. *Geografia no ensino Fundamental*. IN: Universidade de Brasília/ Departamento de Geografia. Coleção Espaço e Geografia. Vol.5 N.º 2 Gestão Urbana e Regional, 2002, p.245-280.

LIBERATO, Yara e FULGÊNCIO, L. *Como facilitar a leitura*. São Paulo: Contexto, 2003.

LIBERATO, Yara e FULGÊNCIO, L. *A leitura na escola*. São Paulo: Contexto, 2002.

MAGALHÃES, Rosineide e MACHADO, Veruska Ribeiro. *LEITURA e interação no enquadre de protocolos verbais*. IN: *Leitura e mediação pedagógica*. Brasília: Parábola, 2012.

MACHADO, Veruska Ribeiro. *Compreensão leitora no PISA e práticas escolares de leitura*. Brasília: Líber Livro, 2012.

MACHADO, Veruska Ribeiro. *Concepção de letramento subjacente ao PISA – Programa Internacional de Avaliação de Alunos*. 2005. (Dissertação: Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília/DF

PÉREZ, F. C. e GARCIA, J. R. (Orgs.) *Ensinar ou aprender a ler e a escrever?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

RIBEIRO Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES E SILVA, Victória. *Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em história*. História: São Paulo, 2004.

SANTOS, Letícia Grubert. *Avaliação de Desempenho para nivelamento de alunos de Português como segunda língua* < Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12750>.> Acesso em: 10 de Abril de 2014.

SCHOFFEN, Juliana Roquele. *Gêneros do discurso e parâmetros de avaliação de proficiência em português como língua estrangeira no exame CELPE-BRAS*. < Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16900/000707617.pdf?sequence>> Acesso em: 10 de Abril de 2014.

SILVA, Vitória Rodrigues. *Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em história*. <DISPONÍVEL EM: <http://www.scielo.br/pdf/his/v23n1-2/a05v2312.pdf>> Acesso em: 18 de Agosto 2013.

SOARES, Mada. *Alfabetização e letramento*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/18892732/Artigo-Alfabetizacao-e-Letramento-Magda-Soares1> Acesso em : 28 de julho de 2013.

SOLE, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras*. Disponível em: < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000200021&script=sci_arttext > Acesso em 11 de Julho de 2014.

TRINDADE, Maria de Nazaré. *Literacia: teoria e prática – orientações metodológicas*. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

TRINTA, Rodolfo Rodrigues. *A Zona de Desenvolvimento Proximal em contextos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira: definição, diferentes interpretações, perspectivas de estudo*. <Disponível em: <http://www4.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/XX/10%20Rodolfo%20Trinta.pdf>> Acesso em: 20 de outubro de 2013.

VYGOTSKY, L. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

APÊNDICE

PROTOCOLO DE LEITURA HISTÓRIA

1º Encontro

1. C- Pode ler?
2. P- Sim.
3. C- [Lendo] A América: uma terra de grandes civilizações
4. P-Você sabe o que é a América?
5. C- Sim.
6. P- O que você sabe sobre ela?
7. C- É um continente, ela é dividida em três parte... é que é a América do norte, América Central e do Sul. Ela é... Contêm vários países. Entre esses países tem o Brasil, que é onde moramos.
8. P- Sim, certo. Olhando para o título, o que você acha que o texto fala?
9. C- Sobre as grandes civilizações que estão na América, na América.
- 10.P- Elas ainda existem?
- 11.C- Sim!
- 12.P- Só que tem outros nomes, elas evoluíram e engrandeceram essas civilizações.
- 13.C- Podem ser os países?
- 14.P- Podem ser sim, está certo! É... Você sabe o que são as civilizações?
- 15.C- Sei!
- 16.P- Então o que são as civilizações?
17. C- É um + é um povo que tem várias características em comum.
- 18.P- E você sabe me dar exemplo dessas características em comum?
- 19.C- A língua! É [pensando] a língua, a moeda, e [pensando] humm ++ não

sei!

20.P- A cultura?

21.C- A cultura, as tradições!

22.P- Certo! Começa a ler aqui!

23.C- [Lendo] Diversidade Cultural. Estima-se que, no final do século XV, viviam na América cerca de 50 milhões de pessoas. Elas estavam distribuídas em sociedades muito diversas entre si, do ponto de vista cultural, político, econômico e social.

24.P- Você sabe o que são as sociedades?

25.C- [pensando] Não! É, é um grupo de pessoas que seguem uma lei, uma regra em comum?

26.P- Pode ser também! E olha aqui no texto, a América era dividida em várias Civilizações.

[

27. C-sociedades.

]

28.P- Do ponto de vista cultural, social e político diferentes entre si, cada uma seguia um padrão. Entendeu?

29.C- sim!

30.P- Ó, continuar aqui.

31.C- [Lendo] Durante muito tempo, pensou-se que as sociedades americanas fossem predominantemente tribais, sem nenhuma forma de centralização política. Pode ler?

32.P- sim.

33.C- [Lendo] De fato, a forma tribal de organização foi comum em muitas regiões, mas hoje se sabe que outras grandes civilizações se desenvolveram no continente americano muito antes da conquista europeia.

34.P- Então, a gente viu o que é sociedade. Então sociedade é o conjunto né?
de pessoas que elas seguem as mesmas regras.

35.C- é.

36.P- Não são? Então, ó aqui, as sociedades eram divididas em tribos. Você

37.sabe o que são as tribos?

38.C- Sei.

39.P- E o que são as tribos?

40.C- É ++ é um conjunto de pessoas que moram em um certo lugar, essas
pessoas elas tem várias coisas em comum, é o modo de sobreviver, a
língua , às vezes ela é diferente? Ela... ela tem um, tipo um presidente
que manda na tribo, que toma as decisões e do povo que mora ... Só
[pensando]

41.P- E você sabe me dizer um exemplo de tribo?

42.C- É ++ [pensando] os índios! E o exemplo de presidente é o pajé

43.P- É alguém, uma pessoa que manda né?

44.C- Sim.

45.P- O que você falou tá certo! É um conjunto de famílias que tem alguém da
família, como se fosse um patriarca , por exemplo, que manda nas, na tribo
e nas pessoas que são a família. Tá certo?

46.C- [gesto com a cabeça mostrando que entendeu]

47.P- Você acha que tribos com ideais diferentes podem ser rivais?

48.C- sim!

49.P- Por quê?

50.C- Porque elas podem disputar a, o alimento que tem na região, em uma
certa região , elas podem é, disputar o lugar onde elas querem viver e acho
que só! Não sei!

51.P- Tá certo! E o que você acha que são as comunidades? A gente viu as

sociedades e as tribos. Você sabe o que são as comunidades? Tem alguma coisa que você acha que é comunidades?

52.C- [pensando]

53.P- Olha a palavra comunidades, tem alguma coisa que, que você acha que é a comunidade?

54.C- [confusa e pensante] É... [pensando]

55.P – Comunidade. Olha a palavra comunidade. Você acha alguma coisa da palavra?

56.C- Sim [pensando]. É, são pessoas que elas tem algo em comum

57. P- Isso, tá certo! E você sabe um exemplo?

58.C- hum [pensando] escola?

59.P- tá certo. A escola tem uma comunidade que visa o que? um objetivo? ela tem um mesmo objetivo? os professores? os diretores? os coordenadores? as famílias também? Elas querem o quê? Querem que o aluno passe de ano e seja competente para passar de ano. Que tenha a capacidade. Tá certo! Qual o significado da palavra cultura, você sabe?

60.C- Não ++ [pensando] não exatamente!

61.P- Não?

62.C- Não.

63.P- Pensa. Vamos olhar no dicionário?

64.C- Vamos!

65.P- Aqui, olha, lê aqui! Cultura +++

66.C- [Lendo o dicionário] Desenvolvimento intelectual, conjunto de conhecimentos adquiridos em uma determinada área de atividade, conjunto de atitudes e comportamentos que caracterizam certa mentalidade.

67.P- Então, a sociedade ela tem uma cultura?

68.C- tem.

69.P- a civilização, ela tem uma cultura?

70.C- tem!

71.P- e as tribos?

72. C- também!

73.P- Ó, aqui a cultura é algo em comum! Todos trazem, e a cultura é trazida pelos antepassados?

74.C- sim! Ela é passada de geração em geração.

75.P- E ela pode ser modificada?

76.C- pode! Com o passar do tempo!

77.P- Por quê?

78.C- Porque +[pensando] Eles podem ir, por exemplo, a cultura tem A ver com a história que podem ser contadas e daí essas histórias podem ser mudadas com + ao longo do tempo e++ [pensando] é isso! [risada]

79.P- E as mudanças da sociedade, a mudanças que ocorrem no mundo, elas podem influenciar?

80.C- sim!

81.P- certo! As civilizações, só existiam na América?

82.C- Não!

83.P- E você acha que tinham onde?

84.C- Na Europa!

85.P- Só? E nos outros continentes?

86.C- também!

87.P- Certo. tá certo! Lê aqui! [apontando para o texto]

88.C- [Lendo] Essas civilizações apresentam algumas características comuns: a agricultura como principal atividade econômica,

favorecida por técnicas de irrigação do solo, o domínio de técnicas aprimoradas de artesanato, as atividades de comércio, as práticas religiosas politeístas, uma forte tradição guerreira, conhecimentos matemáticos e de astronomia. continua?

89.P- pode!

90.C- [Lendo] Nesta unidade vamos concentrar nossa análise em três civilizações encontradas pelos espanhóis no continente americano a partir do início do século XVI: a asteca, a inca e a maia.

91.P- Ó, aqui o texto fala que a agricultura era a principal de atividade e de economia das várias tribos, das várias sociedades. Por que você acha que as civilizações eram mais hábeis pra práticas essas práticas de agricultura?

92.C- pra poder, [pensando] não sei!

93.P- Ó, no contexto aqui, eram civilizações novas, né? Então eles tinham indústrias?

94.C- Não!

95.P- Não. Por quê?

96.C- Porque eles não tinham materiais é + [pensando] como poder construir as indústrias.

97.P- Eles não tinham a prática né?

98.C- É.

99.P- É eles não tinham prática e nem o ideal. Não precisavam. trabalhar pra produção de longa escala. Então o que eles tinham?

100. C- a técnica de agricultura!

101. P- e a agricultura era a principal fonte de economia, mas antes disso era fonte do quê?

102. C- Era + [pensando] pra poder comer!

103. P- Sim! Então eles começaram a produção pra comida. Então produzindo pra, pra, para o próprio sustento, eles começaram o que? A praticar mais! Praticando mais eles melhoraram as técnicas.
104. né. Você tá entendendo?
105. C- tô!
106. P-Então começaram a ter uma maior produção o que gerou uma maior economia, já nas tribos. Você sabe o que significa a palavra aprimorar?
107. C- melhorar.
108. P- certo, então eles aprimoravam as técnicas por quê?
109. C- pra melhorar a condição de vida deles.
110. P- e porque eles produziam muito.
111. C- é.
112. P- Então a medida que eles produziam eles.
- [
113. C- melhoravam.
-]
114. P- aprimoravam isso. Quais eram as principais tribos da América?
- Aqui no texto.
115. C- Asteca, Inca e Maia.
116. P- Você as conhecia?
117. C- Sim.
118. P-Já tinha ouvido falar onde?
119. C- Na televisão, internet, só de nome.
120. P- e você gosta? Desse assunto?
121. C- [Pensando]
122. P- Você gosta dessas civilizações? Desse assunto?
123. C- Gosto. [duvidosa]

124. P- Mas você sabe muito sobre eles?
125. C- Não muito.
126. P- Então a gente vai aprender mais. Lê aqui.
127. C- [Lendo] Enquanto na Europa as monarquias nacionais surgiam, importantes civilizações habitavam as terras do outro lado do atlântico.
128. P- você sabe o que são as monarquias?
129. C- Sei.
130. P- e o que são as monarquias?
131. C- É tipo um reino? [confusa]
132. P- um reino?
133. C- É.
134. P- Como assim? Fala mais!
135. C- é tipo, são povos que são governados por um rei + uma rainha?
136. P- Sim, e qual... você sabe um exemplo?
137. C- Sei, na Inglaterra!
138. P- Então, na Inglaterra. Está certo, um rei.
139. C- Isso.
140. P- Que detêm todo o poder.
141. C-Isso.
142. P- Sobre os seus súditos. Tá certo?
143. C- tá. [duvidosa]
144. P- Você acha que tá certo?
145. C- tá.
146. P- Então o que a gente tem? A Europa e a América.
147. C- É.
148. P- Enquanto que a Europa tinha...
149. C- As monarquias, a América tinha as civilizações.

150. P- Isso! Então a Europa, ela era mais avançada?
151. C- Sim!
152. P- Por quê?
153. C- Porque as [pensando]. Ah não sei!
154. P- Porque ela já tinha começado novos modos de produção ou não?
155. C- Sim...não... [duvidosa]
156. P- Sim ou não?
157. C- Não.
158. P- A Europa começou a se expandir e a constituir os mercados.
159. C- É.
160. P- Está certo?
161. C- Sim.
162. P- Com esses mercados, o que a Europa fazia? Eles com, através as navegações, né? Eles faziam os vários comércios Então eles tavam começando a avançar no modo de produção, mas ainda não existiam as indústrias. Tá bom?
163. C- tá.
164. P- Somente depois que vão começar as indústrias, com a primeira revolução industrial foi na Inglaterra. Ó, ó, olha aqui esse esquema que tem aqui!
165. C- [Lendo] Algumas civilizações americanas- Mesoamérica: Olmeca, Teotihuacana, Zapoteca Tolteca, Asteca e Maia. América do sul: Chavín e Inca.
166. P- Então o que temos aqui... aqui temos o mapa das civilizações. Então, do que... do que estamos falando?
167. C- da América central e da América do sul.
168. P- Onde haviam as civilizações. Então o texto tá falando da América do

norte?

169. C- Não.

170. P- Então você sabe o que é o atlântico?

171. C- o atlântico é um oceano, ele divide a América da Europa e da África?

172. P- Certo! Oh, e onde tá falando que as tribos... Que as sociedades eram divididas em tribos?

173. C- No texto?

174. P- É.

175. C- [Relendo o texto] ... Calma aí que tô procurando! [Silêncio]

176. C- [Lendo] Durante muito tempo, pensou-se que as sociedades americanas fossem predominantemente tribais, sem nenhuma forma de centralização política.

177. P- Então, em qual parte do texto tá, tá escrito?

178. C- No segundo parágrafo.

179. P- E de qual página?

180. C- Na 142.

181. P- Em qual linha do segundo parágrafo?

182. C- Na primeira, segunda e no início da terceira!

183. P - tá ótimo! Vamos continuar aqui?

184. C- [Lendo] Mesoamérica.

185. P- O que você acha que é a mesoamérica?

186. C- É a parte central da América!

187. P- A palavra te lembra alguma coisa?

188. C- Meio da América.

189. P- E você tinha visto isso em algum lugar?

190. C- Sim, acho que tá em algum livro.

191. P- E você sabe um país que esteja na Mesoamérica?
192. C- Sim.
193. P- Qual?
194. C- O México!
195. P- Tá certo! Então vamos ver aqui no glossário, que o livro tem. Lê aqui!
196. C- [Lendo] Mesoamérica. Região que engloba os atuais territórios do México, Guatemala, Belize, El Salvador, Honduras e Costa Rica.
197. P- Então não é só o México né? Temos mais países. Lê aqui agora.
198. C- [Lendo] Acredita-se que a agricultura começou a ser praticada na Mesoamérica aproximadamente em 6000 a.C.- em uma época próxima, portanto, à verificada no Crescente Fértil.
199. P- Você sabe o que é a cre..crescente Fértil?
200. C- [pensando] Não!
201. P- Ó, aqui no glossário, o texto já tem o significado.
202. C- [Lendo] Crescente Fértil. Área que se estende do Rio Nilo ao Golfo Pérsico, cercada por re... por regiões desérticas.”
203. P- Então, o que é o Golfo, você sabe?
204. C- Hum... Sei, mas não sei explicar.
205. P- Tenta explicar.
206. C- É como se fosse... é uma parte do mar onde tem a areia e que tem a forma de mais ou menos um “c”... não sei explicar.
207. P-Vamos ler no dicionário? [volta com dicionário]. Oh, golfo...
[indicando a palavra]
208. C- Braço de mar que entra amplamente pela terra e cujo abertura é muito larga.
209. P-Então, tá certinho, né? Agora você entendeu?

210. C- uhum!
211. P- Agora temos vários nomezinhos: crescente fértil , Mesoamérica e Golfo. Podemos prosseguir?
212. C- sim. [Lendo] A primeira sociedade a alcançar um grande desenvolvimento econômico e político foi provavelmente a dos omecas, em cerca de 1300 a.C; numa área próxima ao Golfo do México.
213. P- É olmeca. Ta? Já sabemos o que é o golfo do México, não sabemos?
214. C- Sim.
215. P- Aqui o que o texto fala... Fala? Que a sociedade, né... Teve qual civilização... Perdão. Vou falar de novo. Os olmecas eram uma sociedade que estavam no golfo do México. Agora continua!
216. C- [Lendo] Eles ergueram grandes edifícios, desenvolveram a agricultura, criaram calendários com base na observação dos astros celestes... Celestes e produziram um artesanato tão sofisticado que hoje é considerado obra de arte.
217. P- você sabe o que significa a palavra erguer?
218. C- levantar!
219. P- Então levantaram grandes edifícios, desenvolveram agricultura, criaram calendários e produziram artesanatos. O que que tem de diferente do texto anterior?
220. C- É, essa civilização ela erguem grandes edifícios.
221. P- E o que que eles tinham em comum?
222. C- Eles desenvolveram a agricultura, eles aprimoraram o artesanato e eles... eles tinham. +++ [pensando]
223. P- esses estudos do corpo celeste, né?
224. C- É.

225. P- Os conhecimentos de astronomia.
226. C- Sim!
227. P- e você sabe o que significa a palavra sofisticada no texto?
228. C- É... Aperfeiçoada?
229. P-É como se fosse uma melhoria! Eu constituo uma obra de arte, uma escultura e então eu aprimoro ela. O que eu faço, eu tento melhorar
230. C- ah sim. [Sinal com a cabeça mostrando que entendeu]
231. P- Olha aqui.
232. C- Onde?
233. P- [apontando para o texto] ++
234. C- ah sim. [Lendo] A domesticação de animais, o domínio da metalurgia e a criação da roda demoraram a ocorrer na América. Segundo historiadores, essa situação limitou o desenvolvimento de certos fatores... setores, como o de transporte, por exemplo. +++ Além da olmeca, outras importantes civilizações mesoamérica... mesoamericanas foram a dos teotihuacanos e zapotecas.
235. P- Então no texto tá falando que houve um limite do desenvolvimento de setores que foi cau...causado por quê?
236. C- Por causa da domesticação de animais, o domínio da metalurgia e da criação da roda, ou e da criação da roda demoraram a ocorrer na América. É?
237. P- Sim, Então o que que aconteceu nesse caso temos essa limitação que ocorreu porque demorou a ocorrer...
238. C- A... domesticação de animais, o domínio da metalurgia e a criação da roda.
239. P- Então a criação da roda limitou o que? O desenvolvimento dos transportes.

240. C- Sim!
241. P- É, o que significa a palavra metalurgia que vimos?
242. C- É... Metalurgia? É a... +
243. P- o que essa palavra te lembra?
244. C- Me lembra a palavra metal.
245. P- hum.
246. C- deve ser é... melhorar? A moldura do metal? [risos] não sei!
247. P- Vamos ver no dicionário o que significa?
248. C- vamos! [pegando o dicionário e procurando a palavra]
249. P- Metalurgia.
250. C- aqui [apontando para a palavra]
251. P- Achou. Lê aqui.
252. C- [Lendo]Arte e técnica da extração de metais a partir da... Dos Minerais brutos e da sua purificação e beneficiamento.
253. P- Então o que que é? A metalurgia é impor... Seria importante para essa civilização por quê? Ela ajudaria em que?
254. C- Na criação de ferramentas, para a caça. [pensando]
255. P- e mais o que?
256. C- É [pensando] não sei...
257. P- Os transportes.
258. C- os transportes, transportes. [repetição da frase]
259. P- Também na cultura, na arte né? Então o que que eles faziam, eles pegavam o metal e eles trabalhavam nele porque poderiam ter a finalidade de que? Esse metal ajudaria a um melhor desenvolvimento para aprimorar melhor as artes deles. E o que que acontecia, eles tinham essa metalurgia?
260. C- não.

261. P- Não tinha. Então eles atrasavam os processos e limitavam o desenvolvimento dos setores né?
262. C- como o transporte.
263. P- Como o transporte, isso. E aqui, vamos ler aqui? Nessa imagem?
264. C- [Lendo] Essa cabeça colossal, esculpida em um bloco único, representa um governante... um governante. Escultura olmeca dos... De cerca 2000 a.C.
265. P- Então, você sabe o que que é a palavra colossal?
266. C- hum [pensando] não!
267. P- Não sabe, não?
268. C- lembra, sei!
269. P- Ela te lembra o que?
270. C- A palavra “grande” [risos]
271. P- Por quê?
272. C- Por causa do Mcdonalds que tem a casquinha que é o Mc Colosso, essa casquinha é diferenciada porque ela é maior do que das outras.
273. P- Então o que que... Cabeça colossal, quer dizer o que?
274. C- Cabeça grande, maior que as outras!
275. P- Sim, ela é grande, mas não quer dizer que seja maior que as outras, mas é uma cabeça grande. O que que temos aqui é uma obra de arte né? É uma escultura que foi feita por quem?
276. C- Por... É ... Olmeca, é olmeca.
277. P- E olmeca era o que?
278. C- uma civilização.
279. P-Situada onde?
280. C- Na mesoamérica.

281. P- Isso, e aqui no texto, onde... Onde é explicado né? O porque a limitação do desenvolvimento dos setores, em que parágrafo está?
282. C- No terceiro parágrafo.
283. P- E em qual parte do texto fala que a... Os olmecas foram os primeiros... A primeira civilização da mesoamérica?
284. C- no segundo parágrafo.
285. P- Onde?
286. C- na primeira, na segunda e parte da terceira linha.
287. P- De qual página?
288. C- Da 143.
289. P- Isso. E... E quais foram as demais civilizações da mesoamérica? Onde tá falando isso?
290. C- no quarto parágrafo.
291. P- E quais são as civilizações?
292. C- Teotihuacanos e zapotecas.
293. P- e nesse caso é... A agricultura foi desenvolvida por quê? Teve um maior desenvolvimento da agricultura por quê?
294. C- (pensando). Por causa da... Não sei, é...++É...
295. P- Porque foi o primeiro trabalho deles, a primeira atividades deles que...
296. C- que eles conseguiram dominar.
297. P- desenvolver...
298. C- desenvolver.
299. P- dominar eles começaram por quê? Por uma questão de...
300. C- sobrevivência.
301. P- Isso, como a do fo...fogo, eles começaram...descobriram o fogo
302. como meio de sobrevivência pelo calor.

303. C- [risos] pelo frio!
304. P- [risos] pelo frio! E depois por comida, eles começaram a desenvolver pra sobrevivência que diz respeito à comida. Entendeu?
305. C- sim! Pode começar?
306. P- [Sinal com a cabeça indicando sim]
307. C- [Lendo] América do sul.
308. P- Então, o que vimos até agora?
309. C- É... Estudamos a parte central da América.
310. P- A mesoamérica.
311. C- É... E a primeira civilização que morou lá, que era..a Almeça..
312. P- Olmeça.
313. C- Olmeça é...
314. P- Eles ficavam onde?
315. C-Próximo ao Golfo do México e...
316. P- E o que eles... O que eles faziam?
317. C- Eles é... Ergueram grandes edifícios, eles desenvolveram a agricultura, eles produziam artesanato...
318. P- E o que eles não desenvolveram?
319. C- O transporte.
320. P- Por quê?
321. C- por causa da demora da criação da roda.
322. P- E o que mais?
323. C- é o domínio da metalurgia e a...
324. P- Só.
325. C- é...
326. P- Certo... Então, aqui, agora, temos a América do Sul.
327. C- Sim.

328. P- Enquanto, aqui, agora era desenv... Na mesoamérica tinham os olmecas, a gente vai ver outra civilização aqui [apontando para o palavra]. Pode começar aqui.
329. C- [Lendo]A primeira grande civilização a se desenvolver na América do Sul provavelmente foi a dos chavíns, entre os séculos X e III a.C., na Cordilheira dos Andes, na região do atual Perú. Várias outras civilizações desenvolveram-se nessa região marcada por montanhas, desertos e florestas tropicais.
330. P- Então, qual foi a primeira civilização da América do sul?
331. C- é dos chavins.
332. P- É dos chavís,
333. C- Chavíns.
334. P- Que tem um acento! Você sabe o que é uma cordilheira?
335. C- Não. [risos]
336. P- Então, os chavíns, eles se estabeleceram na cordilheira dos Andes que está na... No Perú, na atual região do Perú. A cordilheira é o que? Você sabe? Nem imagina o que pode ser?
337. C- [pensando] não...
338. P- Então olha aqui. A cordilheira é um conjunto de serras contínuas. Então é uma série de montanhas de nível variado... Então tem uma montanha maior... é irregular... Tem uma montanha maior, uma montanha menor e assim vai! Mas além dos chavíns teve... Tiveram outras civilizações ou teve só essa?
339. C- + não, tiveram várias!
340. P- Então, essa cordilheira tinha o que?
341. C- Montanhas,desertos florestas tropicais.
342. P- Então tinham as montanhas, conjunto de Serras, desertos e

florestas tropicais.

343. C- Isso.

344. P- Então como você acha que é o clima nessas regiões olhando esses ambientes?

345. C- Quente.

346. P- E também?

347. C- E como deserto... Frio a noite.

348. P- Então poderia haver frio... É meio variado esse clima, então?

349. C- Sim!

350. P- Porque temos as montanhas, os desertos e as flo... Florestas tropicais.

351. C- Uhum.

352. P- Então é bem variado... é... Pode continuar!

353. C- [Lendo] Tal diversidade geográfica exigiu dessas populações soluções muito variadas. No caso das populações andinas...andinas...andinas, prevaleceram as práticas agrícolas e de criação de animais. Construíram-se terraços nas encostas das montanhas para cultivar o milho, a batata e outros gêneros alimentícios desconhecidos na Europa. Os lhamas foram usados para o transporte de carga.

354. P – Oh, então, o que falamos antes?

355. C- [pensando]

356. P- Sobre a região.

357. C- que ela era... Constituída por serras, montanhas... É... É... Eram desertos e florestas tropicais e o clima era variado.

358. P- Por causa do que?

359. C- das montanhas...

360. P- Dos ambientes! Oh aqui, a diversidade geográfica aqui pretendia

soluções variadas aqui por quê?

361. C-[pensando] +++

362. P- Porque você acha que essas populações tiveram que é... Trazer novas soluções pra essa região? Se eles procuraram soluções o que eles tinham?

363. C- Pensando +++ hum... hum... É... não sei [risos]

364. P- Se eles procuraram obter soluções, eles tinham o que?

365. C- pro...pro... Problemas?

366. P- Problemas. Então eles tinham problemas por isso que eles procuraram soluções. E porque essas soluções eram mui...muito variadas?

367. C- humm Não sei. Por causa da...da diversidade geográfica? É?

368. P- Isso; Por quê? Porque temos vários ambientes. Então temos uma diversidade geográfica. Então, o que que acontecia?

369. C- [silêncio]

370. P- Tendo essa diversidade geográfica as populações haviam problemas pra ser resolvidos e esses problemas eram o que? Eram na agricultura porque haviam vários ambientes. É marcada por montanhas, desertos, florestas tropicais. Então o clima era ve...variado. Tendo o clima variado, os produtos cultivados eram os mesmos nas várias regiões?

371. C- [pensando] ++ não!

372. P- Por quê?

373. C- Não sei [risos] é...

374. P- Porque, cada terreno, cada pedaço de terra...

375. C- Tinha nutrientes diferentes.

376. P- isso. Tinha nutrientes diferentes. Então precisavam ter soluções para poder...

377. C- É... Poder... +++

378. P- Continuar as produções, continuar a ter alimento. Então eles começaram a aperfeiçoar as técnicas agrícolas através o que, essa demanda. Não é?
379. C- uhum é!
380. P- Oh, lê aqui. Essa frase aqui...
381. C- [Lendo] No caso da...?
382. P- Sim.
383. C- [Lendo] no caso das populações andinas, prevaleceram as práticas agrícolas e de criação dos animais.
384. P- Então o que que o texto tá falando?
385. C- [silêncio]
386. P- Porque o texto fala isso?
387. C- [silêncio]
388. P- Porque as populações andinas né... Eles haviam um clima totalmente diferente das demais.
389. C- sim!
390. P- por quê?
391. C- [silêncio]
392. P- Porque o clima é diferente e... Porque o clima é diferente? As montanhas são iguais os desertos?
393. C- Não porque nas montanhas o clima é totalmente diferente e no deserto não tem como produzir a agricultura.
394. P- Por quê?
395. C- Porque é quente.
396. P- Isso, mudança de temperatura. Então o que temos, essa parte da população onde tinha a criação né?
397. C- é.

398. P- Da prática agrícola e da criação de animais Então continua aqui.
399. C- [Lendo] Constituíram-se terraços nas encostas das montanhas para cultivar o milho, a batata e outros gêneros alimentícios desconhecidos na Europa. Os lhamas foram usados para o transporte de carga.
400. P- O que são os terraços?
401. C- Não sei.
402. P- Temos várias significados de terraços, você sabe um deles?
403. C- Não.
404. P- termos os terraços nas cidades que são aquela parte mais alta né?
405. C- Último andar.
406. P- Que é como se fosse uma área.
407. C- (XXX)
408. P- Oi?
409. C- nada não.
410. P- como se fosse uma área de lazer porque ela é aberta, onde as pessoas ficam plantando algumas plantinhas, essas coisas assim. Nesse caso os terraços são o que... São áreas.
411. C- Uhum.
412. P- de cultivo onde... Qual civilização estamos falando?
413. C- Os Chavíns...
414. P- Onde os chavíns eles cultivavam o próprio sustento. Então olha aqui [apontando para imagem] perto das montanhas haviam esses terraços.
415. C- parecem uma escadaria!
416. P- Sim, porque eles são...
417. C- É [risos] ela são... Parecem terraços [risos] ou, escadas.
418. P - Isso. Elas são divididas né?
419. C- É .

420. P-Aqui no meio a parte mais elevada é o cultivo, depois tem a parte mais rasinha fazendo como se fosse um tapete.
421. C- Aham entendi!
422. P- Ó, lê aqui.
423. C- [Lendo] Terraços Incas ainda em uso na fortaleza de Pisac, perto de Cuzco, Peru.
424. P- (xxx) ainda existem seja nesta área, que aqui no Brasil podemos ver esses cultivos. Então o que que é.. eram cultivados nesse terraço?
425. C- Milho, a batata entre outros gêneros alimentícios desconhecidos na Europa.
426. P- Então o que que acontece.. o clima daqui era igual ao da Europa?
427. C- Não.
428. P- Por quê?
429. C- Porque é diferente [risos]. Na Europa o clima é mais... lá é mais frio e... e aqui é mais quente. Não sei explicar, mas é diferente.
430. P- O que podemos deduzir da diversidade climática da Europa e da América, olhando o texto.
431. C- [Silêncio]
432. P- Olhando o texto.
433. C- +++
434. P- Que a agricultura, ela já é diferente, os produtos daqui eram diferentes do que... dos de lá porque o clima era diferente. Havia a necessidade de outra temperatura, ambiente.
435. C- Vários fatores climáticos.
436. P- Para se desenvolver. A América de hoje é igual, é a mesma do que antigamente?
437. C- Não.

438. P- Por quê?
439. C- Porque agora está mais avançada por conta da tecnologia. Não existem mais as áreas... a maioria das áreas da América são desmatadas e são cidades e não existem algumas civilizações de antigamente.
440. P- E o que diz respeito ao modo de produção, mudou?
441. C- Sim!
442. P- No que?
443. C- Agora temos indústrias, antes não tinham as indústrias e só.
444. P- A economia melhorou? A aprimoração de novas técnicas?
445. C- Sim!
446. P- Então lê aqui essa última frase. [apontando para a frase]
447. C- [Lendo] Os lhamas foram utilizados para o transporte de carga
448. P- Você sabe o que são os lhamas?
449. C- São animais?
450. P- Sim. Mas você... São mamíferos semelhantes aos camelos né? E que... Eles vivem onde? O que você pode deduzir? Onde eles vivem?
451. C- No deserto.
452. P- Em áreas frias.
453. C- Em áreas frias. [repetiu a frase]
454. P- Em áreas mais frias, tanto que eles tem o que?
455. C- Uma pelagem maior.
456. P- Sim, mais pelos pra se protegerem do frio e eles são tidos como. transporte de carga... qual seria o transporte dessa época?
457. C- É.
458. P- Perdão, qual carga seria?
459. C- O que eles plantavam na agricultura.
460. P- Sim, porque eles não haviam ainda o domínio.

461. C- Das indústrias!
462. P- E nem mesmo da metalurgia né.
463. C- e nem do transporte por causa que não existiam as rodas.
464. P- Sim. Olhando esse mapa você sabe onde [apontando para o mapa]
está... está a civilização chivín?
465. C- No Perú. Não é Perú aqui?
466. P- Sim, em que parte aqui? Em que área?
467. C- Na América do Sul.
468. P- E, em qual página está isso?
469. C-142.
470. P- Certo!

APÊNDICE 2

PROTOCOLO DE LEITURA 2 - LITERATURA

2º Encontro

1. P- Ó... Oi.
2. C- Oi.
3. P- Então o que vamos fazer hoje é outra... É outro protocolo de leitura.
4. C- uhum.
5. P- Vou te apresentar um texto, e esse texto é uma crônica. Então você vai ler e vai me responder. Tudo bem?
6. C- Sim.
7. P- ó pode começar alí [apontando para o título], lê o título, por favor?
8. C- [Lendo] Nossos netos não vão comer Pastel!
9. P- O que você acha que o texto vai falar?
- 10.C- [pensativa]+++
- 11.P- Olhando para o título...
- 12.C- Que no futuro, talvez, não existam mais pastel? [risos]. Não sei. [risos]
- 13.P- sim.
- 14.C-É, é isso.
- 15.P- Então vamos continuar a ler? Começa aqui.
- 16.C- [Lendo] Pode ser ignorância nossa, mas não sabíamos que o novo vilão do planeta é o óleo de cozinha! Sim, aquele usado para fritar pastel, bife à milanesa e batata frita! Sabíamos que jogar óleo de cozinha na pia podia causar um grande entupimento. E que uma das opções era jogá-lo na privada. Mas, como não somos cozinheiras de mão cheia e sabemos que frituras fazem a maior sujeira, nunca pensamos muito sobre o assunto óleo.
- 17.P- Então agora, que você leu o título e um pouquinho do texto. Por que você acha que os netos poderiam não comer pastel futuramente?
- 18.C- Porque talvez as pessoas proibissem o uso de óleo de cozinha ou alguma coisa do tipo e o pastel não poderia mais.
- 19.P- E por que você acha isso?

- 20.C- Porque aqui no... No... No primeiro parágrafo diz que o novo vilão do planeta é o óleo e assim as pessoas iriam querer... Não iriam querer usar mais o óleo de cozinha.
- 21.P- Você acha que isso teria algum problema? + usar o óleo de cozinha?
- 22.C- [Pensativa] Tem... Mas não acho que é o caso de não usar, mas
- 23.P- E qual seria o problema?
- 24.C- [Pensativa] É... Tipo o... O ++ não tá vindo a palavra... Iria fazer mal para as pessoas, ia causar entupimentos, ia gerar u... A sujeira no meio ambiente
- 25.P- E que tipo de sujeira?
- 26.C- Nos lagos, nos rios ++.
- 27.P- E o que mais?
- 28.C- hum, só isso mesmo! [x] Na natureza em geral.
- 29.P- E você falou que o óleo é um vilão, você sabe o que é ser um vilão?
- 30.C- É tipo um malvado da história.
- 31.P- Então o óleo é o malvado da história?
- 32.C- No texto é o que diz.
- 33.P- Por quê?
- 34.C- Porque ele faz mal pras pessoas e pra o meio ambiente.
- 35.P- E por... Você me falou que acha que o óleo de cozinha faz mal... Você acha que realmente faz mal?
- 36.C- Sim. Para o organismo da pessoa por conta gordura... [pensando] É... Faz mal pra o meio ambiente e... Os rios e os lagos... Plantas!
- 37.P- E você acha que poderia ser substituído o óleo? Ou ficaria o óleo do mesmo jeito, mesmo fazendo mal?
- 38.C- Deveria ser [pensando] é... Deveria continuar sendo óleo... Não sei. [balançou a cabeça dizendo não]. Ou, não, deveria ser substituído, mas o jeito é continuar usando ele.
- 39.P- Sim. Aqui continuando o texto, a gente viu mais coisas né? Então por que você acha que o óleo entope a pia?
- 40.C- Porque ele é [pensando]... Mais denso do que a água.
- 41.P- Aí o que quer dizer isso?
- 42.C- Que quando ele passa da pia, ele... Por ele ser mais denso ele vai ficar por cima e isso vai atrapalhar a passagem da água.
- 43.P- Por quê?

44.C- Por ele ser mais denso.

45.P- E por quê?

46.C- Porque ele contém gordura.

47.P- E a gordura... Qual é a diferença com a água?

48.C- que a gordura é a mais densa e [pensando] ++ ... Mais grossa, sei lá! E ai não... E ai vai atrapalhar na passagem da água.

49.P- E você acha que o problema é só isso? Que o óleo pode fazer na pia?

50.C- é na pia também e como falei antes no meio ambiente.

51.P- Por quê?

52.C- Porque vai...++ como se fala é? Não tá vindo a palavra... ++ é tipo assim...

A água vai para os rios e algumas arvores que tão na natureza dependem da água dos rios e a água dos rios vai estar poluída.

53.P- Porque, porque o ciclo do óleo né... Ó da agua! Vai ser interrompido pelo óleo, porque interrompido, não é bem interrompido, o óleo vai sujar essa água e ela vai cair nos rios, caindo nos rios ele, ela contamina os?

54.C- A água dos lagos dos rios e com isso vai para algumas arvores...

55.P- Como vai para algumas arvores?

56.C- [pensando] +++ é... Pelo solo mesmo.

57.P- Isso, muito bem! xxx O que que acontece se a gente jogar o óleo na pia ne?

58.C- Isso!

59.P- Então, o que comemos, o que consumimos e o que compramos será que...

Que dá algum problema também ou você acha que acontece alguma coisa ou a gente pode comer o que for, gastar o que for, comprar o que for que não vai acontecer nada? Só... A gente só vai perder dinheiro?

60.C- Não! Vai fazer mal para o organismo, porque a gordura ela vai fazer mal para o organismo pro coração... +++

61.P- E o que mais?

62.C- [pensando] +++ ai vai xxx

63.P- XXX

64.C- XXX

65.P- XXX o meio ambiente. Sim. Então pode continuar a ler aqui [apontando para o texto].

- 66.C- [Lendo] Até que agora começamos a pipocas notas sobre o “descarte do óleo”. Ou seja: como jogar aquele óleo usado fora!? Segundo os cientistas, o óleo dos pastéis pode ser o responentá... Responsável por enchentes, morte dos fito... Fictoplânctons e até mesmo... Mesmo pelo aquecimento global! E não pense que isso não tem a ver com você porque a única coisa que você cozinha é ovo na manteiga. Porque agora, comer uma coxia... Coxinha é quase um crime contra o planeta, se você pensar bem.
- 67.P- Isso! Aqui tem a pala... Verbo “pipocar”. Você sabe o que é o pipocar nesse sentido? Qual o sentido de pipocar?
- 68.C- no sentido de aparecer... Estourar notas. xxx
- 69.P- x tá certo. O pipocar notas. O que significar pipocar notar.
- 70.C- Aparecer notas.
- 71.P- Você sabe o significado de notas?
- 72.C- É... Notícias...
- 73.P- Isso! Muito bem! E aqui a gente viu uma palavra nova... Não sei, já viu essa palavra? Fictoplânctons? Você sabe qual o significado?
- 74.C- não, mas aqui embaixo tá escrito. [apontando para o quadrado com as informações].
- 75.P- Então vamos ler?
- 76.C- fitoplânctons: comunidade de microrganismos vegetais que constituem a base alimentar da vida nos oceanos e mares.
- 77.P- Então são as? Você sabe um exemplo?
- 78.C- huum [pensando] +++ É... Não! +++
- 79.P- Então são os organismos que estão dentro das águas, como por exemplo, as algas.
- 80.C- hum... A tá! [pensando] É tipo os... Os vegetais que vivem nos mares.
- 81.P- [dizendo sim com a cabeça] As algas.
- 82.C- As algas.
- 83.P- Então, as algas são vegetais que estão dentro das águas. Os fitoplanctons são microrganismos que constituem a base alimentar. Entendeu, agora? Então não é bem a alga são microrganismos. E porque as coxinhas são um crime?
- 84.C- Por ela conter gordura na hora que algumas pessoas, não, na hora não, depois de fritar a coxinha...Inha as pessoas podem pegar o óleo e jogar na

pia. Isso... Então isso vai fazer todo o processo de entupimento, vai é poluir as águas.

85.P- Então isso seria um Crime? O que que é um crime?

86.C- É algo errado.

87.P- Então o que que a gente pode falar? Então que .

88.C- Que ++ o óleo é... Ele seria algo errado.

89.P- Então, o manusear do óleo né, manuseio do óleo é um crime porque ...
Porque eles jogam onde.

90.C- Nas pias xxx e depois e com isso vai ... Vai poluir todas as águas.

91.P- Muito bem! Continua aqui, por favor? [indicado no livro]

92.C- [Lendo] Deve ser isso que algumas cozinheiras guardam o óleo velho e usado numa lata sinistra, geralmente embaixo da pia. Elas deixam lá até pensarem numa maneira melhor de jogar fora o tal óleo assassino de fitoplânctons. Deve... Devem ir acumulando latas e latas de óleo, em silêncio, por anos. E, depois sem saber o que fazer, colocam tudo aquilo numa kombi, desaparecem pelo mundo e passam a viver nas na clandestinidade, cheia de culpa.

93.P- Aqui a gente viu no texto que tem a palavra “sinistra”. Você sa...sabe me explicar o que que pode ser.

94.C- É ++ algo estranho... Eu não sei explicar direito... É tipo algo estranho.

95.P- É... ++ Então é como se fosse um corpo estranho... Como é que fala?
Escondendo em uma lata sinistra geralmente embaixo da pia. E aqui [apontando] o que que pode, o que acha mais certo? Colocar em uma lata ou jogar na pia?

96.C- Colocar dentro de uma lata +++.

97.P- Por quê?

98.C- Porque com isso não vai poluir a água e não vai entupir as pias e nada ++

99.P- e o que poderia ser feito com o óleo? Você acha que ele fica vai, ele ficará sempre dentro da lata ou ...

100. C- Algumas reciclam e fazem sabão com o óleo velho.

101. P- E você acha que isso pode poluir?

102. C- +++

103. P- Pode poluir?

104. C- Acho que sim [duvidosa] eu não sei...

105. P- Por... Por quê?
106. C- +++ Porque é óleo e ai +++.
107. P- Sim, porque querendo ou não, esse sabão ele virou o que? Ele é feito de quê?
108. C- De óleo.
109. P- Isso! E aqui a gente vê outra palavra. O que é clandestinidade? Você sabe o que é isso?
110. C- É +++ é algo feito as escondidas.
111. P- Em que... Então o que que seria clandestino aqui? Segundo o texto.
112. C- Viver na clandestinidade é viver escondidas.
113. P- Mas relacionadas ao texto?
114. C- + Esconder o óleo, viver escondido o óleo... O óleo +++ [expressão duvidosa].
115. P- Ó vamos ler de novo aqui então... [apontando para o texto].
116. C- [Lendo] devem ir acumulando latas e latas de óleo, em silêncio, por anos. E, de... Depois sem saber o que fazer, colocam tudo aquilo numa kombi, desaparecem pelo mundo e passam a viver nas na clandestinidade, cheia de culpa.
117. P- Cheias de culpa por quê?
118. C- Por... por estarem com o óleo por que faz mal.
119. P- Esse óleo né?
120. C- uhum.
121. P- Já queimado né? Então ele tem culpa por fazer mal ao meio ambiente né?
122. C- Isso.
123. P- Pode continuar aqui [apontando para o texto] o texto por favor?
124. C- [Lendo] Os ecologistas recomendam que você entregue o óleo para ONGs que fazem reciclagem ou faça sabão caseiro. Sim, um sabão caseiro com o óleo velho! Que nem naquele ... Naquele filme Clube da Luta, em que os sabone... Sabonetes das madames eram feitos com ... Com a gordura da lipoaspiração. É... Eca! Só de pensar nisso já desistimos de comer qualquer coisa frita para sempre! Ou de usar sabonete.
125. P- Então, lendo aqui você sabe o que é a palavra eco... ecologista? O que que o ecologista faz?

126. C- O ecologista é quem cuida do meio ambiente... estuda o meio ambiente.
127. P- Vamos ver no dicionário?
128. C- Sim!
129. P- Então vamos procurar aqui! +++
130. C- [procurando a palavra no dicionário] +++ [apontando para a palavra ecologista].
131. P- Lê aqui por favor?
132. C- [Lendo] Ecologista, especialista em ecologia ou quem defende o ecologismo. Ambientalista.
133. P- Isso, agora você entendeu?
134. C- Sim.
135. P- Então qual é o trabalho dos ecologistas de acordo com texto?
136. C- + O ecologista de acordo com o texto é quem... É quem da conselhos sobre como cuidar do meio ambiente e quem defente xxx e estuda o meio ambiente.
137. P- Isso! Então ele...
138. [
139. C- tem que ajudar o meio ambiente...
140.]
141. P- e quem mais?
142. C- ++ e... E... Quem? Deixa eu ver +++ Eu não sei não [baixou o tom de voz] +++ e a popu... e a população! Também... E as pessoas.
143. P- Sim, também! E... e qual o trabalho das ONGs também? Você sabe?
144. C- [balançou a cabeça negando].
145. P- Essas ONGs são organizações nacionais governamentais e elas ajudam a população a ...
146. C- A...+++ .
147. P- Conscientizar do que que tá acontecendo? Então aqui o que que tá acontecendo?
148. C- Ele no texto, está falando como faz mal usar o óleo.
149. P- Isso, então as ONGs, o que que elas fazem?
150. C- Elas conscientizam as pessoas.

151. [
152. P- Uhum.
153.]
154. C- E elas ajudam ++
155. P- Para quê?
156. C- Ah... A entender a cuidar do meio ambiente e do... E da cidade e tudo mais + [pensativa].
157. P- Isso mesmo! E você sabe o que é lipoaspiração?
158. C- ++ [duvidosa] é uma cirurgia, não é? Pra retirar a gordura do corpo?
159. P- Sim. E é perigoso?
160. C- [duvidosa] Acho que sim, né?
161. P- É so, ela é meio perigosa por que ela está retirando a gordura do corpo e pode fazer o que?
162. C- +++ Matar? [duvidosa]
163. P- também, pode ter essa chance porque xx puxando os órgãos. E aqui, pode ler? [apontando para o texto]
164. C- [Lendo] Uma coisa nos deixou tristes: o fato de que talvez nossos netos (se tivermos algum) nunca conhecerão o sabor de um de... Delicioso bife à milanesa ou de um paste de queijo. Pense nas feiras sem barraca do pastel. Certamente, ir à feira vai ficar mais triste. Porque, se a gente tiver que levar latas de óleo velho para a reciclagem ou usar sabão com odor de fritura, vamos adotar só alimentos cozidos. No vapor: A vida fica cada dia mais triste no planeta Terra. E, por enquanto, vamos nos entupir de pastel para esquecer disso.
165. P- Então o que que... Agora você sabe o que quer dizer o título?
166. C- Sim ! Que... Por algumas pessoas estarem evitando o uso de óleo talvez... Vez futuramente as pessoas evitariam o pastel.
167. P- Evitando?
168. C- É... Conscientizando como faz mal...
169. P- O que que tá acontecendo aqui? Que as pessoas né... Elas pensam o quê?
170. [
171. C- Que o óleo faz mal, mas eles não estão deixando de usar.
172.]

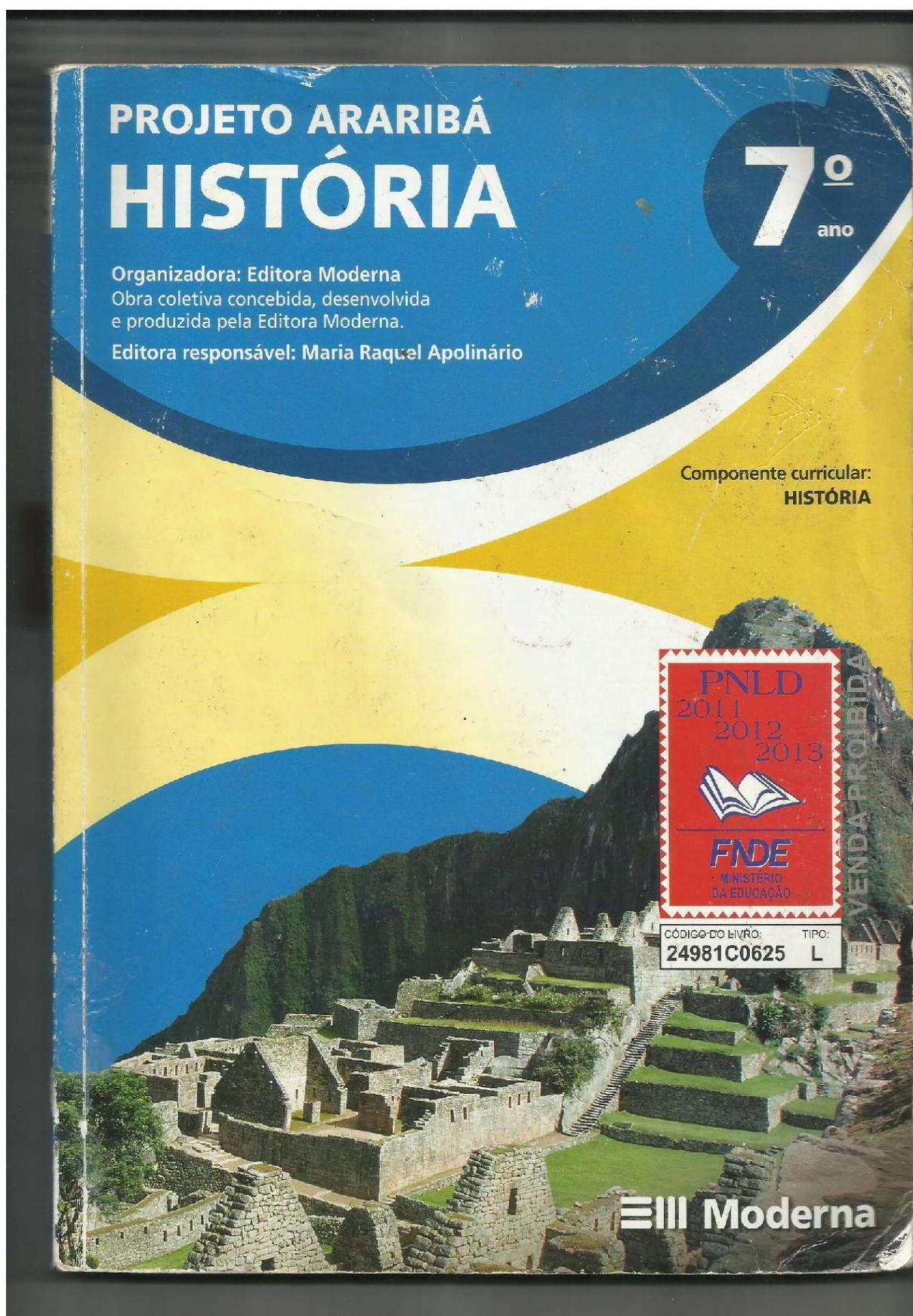
173. P- Isso! Tem uma conscientização, mas não tem uma...
174. [
175. C- ação!
176.]
177. P- Atitude para ter uma ação! Isso mesmo, tá certo! Então se acha que as pes... A gente tem que saber usar o óleo.
178. C- Sim, sim!
179. P- Então você acha que todas as pessoas reciclassem o óleo, o meio ambiente, pode melhorar?
180. C- Sim. Pelo fato de que o óleo faz mal e utili... E utilizando ele menos vezes o meio ambiente vai ficar menos prejudicado.
181. P- Então, pode melhorar em que sentido?
182. C- De não estar poluído e... É de não estar poluído!
183. P- Mas ele vai deixar de estar poluído?
184. C- Não! Estará menos poluídos.
185. P- Estará menos poluído.
186. C- Isso!
187. P- Eles vão ficar, eles ficarão menos poluídos né!?
188. C- Isso.
189. P- e Porque os fitoplâncton morreriam por causa do óleo de cozinha?
190. C- Por que eles são vegetais que são microrganismos vegetais que ficam... Que... Que vivem no meio ambiente, e eles são retirados do meio ambiente para a... Ser consumidos. Mas como o óleo prejudica o meio ambiente o... O... Esses micro-organismos eles estariam prejudicados
191. P- De que forma prejudicaria.
192. C- +++ [pensando] +++ Pela falta de oxigênio também! Porque sem as plantas, não existiriam o oxigênio.
193. P- Também. Então o óleo... Qual é o problema do óleo?
194. C- Que ele faz mal para o ambiente e que com isso o meio ambiente estará prejudicado e... A produção de oxigênio também!
195. P- Porque o óleo bloqueia...
196. C- Essa passagem da água também...
197. P- também! Então não haveria...?
198. C- Fotossíntese!

199. P- E... E no texto.
200. C- Sim...
201. P- Em qual linha está falando que, a maioria das vezes, o óleo é jogado no... Na pia? ... Você sabe me dizer a linha?
202. C- +++ [gesto com a cabeça afirmando que não].
203. P- lê pra mim aqui!
204. C- Aqui? [apontando para o texto]. [Lendo] Sabíamos que jogar óleo usado na pia podiam causar um grande entupimento.
205. P- em que linha está?
206. C- +++ [apontando para o texto e contando as linhas] Um, dois , três, quatro, cinco, seis, sete... Tá na oitava linha a... Até a décima primeira!
207. P- Em qual parágrafo?
208. C- No primeiro parágrafo!
209. P- Muito bem! E ... E onde fala que futuramente as pessoas poderiam é... Fazer alimentos a vapor?
210. C- hum?
211. P- É... Os alimentos poderiam ao invés de ser fritos, poderiam ser substituídos por alimentos a vapor. Onde tá escrito no texto?
212. C- [olhando para o texto e contando] ++ No sétimo parágrafo.
213. P- Em qual linha?
214. C- +++ hum... Na quarta linha do sétimo parágrafo.
215. P- Isso, muito bem! E... Onde está falando sobre as ONGs?
216. C-[olhando para o texto] + no quarto parágrafo.
217. P- Em qual linha?
218. C- ++ É... Na terceira linha.
219. P- Isso! E aqui a gente pode ver que tem uma explicação sobre o texto, né? Que fala que é uma crônica. Aqui em cima [apontando para o texto] tem um quadradinho, vamos ler?
220. C- [Lendo] O que você vai ler. O texto que você vai ler foi publicado no folhetim tim e xxx foi destinado para a folha de São Paulo destinada ao público jovem. Nesta crônica as autoras revelam a preocupação com o meio ambiente e simultaneamente com a qualidade de vida. Você já pensou a respeito desses assuntos? Com relação ao... Aos seus hábitos alimentares? Você se preocupa com o que consome?

221. P- Aqui tá falando sobre a crônica. Você entendeu então, o que é a crônica?
222. C- Sim.
223. P- Então o que que é a crônica, então?
224. C- É um... É um texto em formato informativo, onde pode... Pode estar escrito tanto uma notícia quanto uma história.
225. P- Isso. Tem um pouquinho do que você falou. É um texto, é um gênero textual que é como se fosse uma narração né? A gente narra acontecimentos aqui fatos, informações. Ela pode estar em primeira pessoa sempre... É... Pode ser um texto de humor, de crítica, de sátira e ela tem uma ordem cronológica né?
226. C- Sim.
227. P- Como a gente viu. E a linguagem, você achou difícil? Fácil? Ou você achou simples.
228. C- Eu... Eu achei fácil fora a parte onde eles falavam a palavra fictoplâncton, mas foi fácil!
229. P- Mas agora você entendeu?
230. C- Sim.
231. P- O que que é fictoplânctons e qual a relação?
232. C- Sim.
233. P- E qual é a relação aqui que tá falando?
234. C- É... Da palavra fictoplâncton?
235. P- É... Da palavra fictoplâncton, a palavra fictoplâncton com o texto?
236. C- A palavra fictoplânctons é o sinônimo de micro-organismos vegetais.
237. P- é o nome dado né?
238. C- É! E com isso, no texto foi usada essa palavra pra dizer quanto o óleo pode fazer mal para os organismos vegetais chamados de fictoplânctons.
239. P- Muito bem, então! Muito obrigada.
240. C- De nada!

ANEXOS

Texto de História



PROJETO ARARIBÁ

HISTÓRIA

7^o ano

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:
Maria Raquel Apolinário
Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo.
Professora da rede estadual e municipal de ensino por 12 anos. Editora.

Componente curricular: HISTÓRIA

2ª edição

São Paulo, 2007

 **Moderna**

TEMA

4

América: terra de grandes civilizações

Enquanto na Europa as monarquias nacionais surgiam, importantes civilizações habitavam as terras do outro lado do Atlântico.

Diversidade cultural

Estima-se que, no final do século XV, viviam na América cerca de 50 milhões de pessoas. Elas estavam distribuídas em sociedades muito diversas entre si, do ponto de vista cultural, político, econômico e social.

Durante muito tempo, pensou-se que as sociedades americanas fossem predominantemente tribais, sem nenhuma forma de centralização política. De fato, a forma tribal de organização foi comum em muitas regiões, mas hoje se sabe que outras grandes civilizações se desenvolveram no continente americano muito antes da conquista europeia.

Essas civilizações apresentavam algumas características comuns:

- A agricultura como principal atividade econômica, favorecida por técnicas de irrigação do solo.
- O domínio de técnicas aprimoradas de artesanato.
- As atividades de comércio.
- As práticas religiosas politeístas.
- Uma forte tradição guerreira.
- Conhecimentos matemáticos e de astronomia.

Nesta unidade vamos concentrar nossa análise em três civilizações encontradas pelos espanhóis no continente americano a partir do início do século XVI: a asteca, a inca e a maia.



Fonte: Atlas histórico escolar. Rio de Janeiro: FAE, 1991. p. 53.

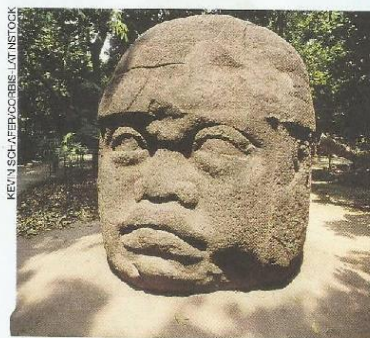
Mesoamérica

Acredita-se que a agricultura começou a ser praticada na **Mesoamérica** aproximadamente em 6000 a.C. — em uma época próxima, portanto, à verificada no **Crescente Fértil**.

A primeira sociedade a alcançar um grande desenvolvimento econômico e político foi provavelmente a dos olmecas, em cerca de 1300 a.C., numa área próxima ao Golfo do México. Eles ergueram grandes edifícios, desenvolveram a agricultura, criaram calendários com base na observação dos astros celestes e produziram um artesanato tão sofisticado que hoje é considerado obra de arte.

A domesticação de animais, o domínio da metalurgia e a criação da roda demoraram a ocorrer na América. Segundo historiadores, essa situação limitou o desenvolvimento de certos setores, como o de transporte, por exemplo.

Além da olmeca, outras importantes civilizações mesoamericanas foram a dos teotihuacanos e zapotecas.



Essa cabeça colossal, esculpida em um bloco único, representa um governante. Escultura olmeca de cerca de 2000 a.C.

América do Sul

A primeira grande civilização a se desenvolver na América do Sul provavelmente foi a dos chavíns, entre os séculos X e III a.C., na Cordilheira dos Andes, na região do atual Peru. Várias outras civilizações desenvolveram-se nessa região marcada por montanhas, desertos e florestas tropicais.

Tal diversidade geográfica exigiu dessas populações soluções muito variadas. No caso das populações andinas, prevaleceram as práticas agrícolas e de criação de animais. Construíram-se terraços nas encostas das montanhas para cultivar o milho, a batata e outros gêneros alimentícios desconhecidos na Europa. Os lhamas foram usados para o transporte de carga.

Glossário

Mesoamérica

Região que engloba os atuais territórios do México, Guatemala, Belize, El Salvador, Honduras e Costa Rica.

Crescente Fértil

Área que se estende do Rio Nilo ao Golfo Pérsico, cercada por regiões desérticas.

Terraços incas ainda em uso na fortaleza de Pisac, perto de Cuzco, Peru.



ANEXOS 2

Texto de Literatura



Para
**Viver
Juntos**

7º ano
ENSINO FUNDAMENTAL



Frevo

O frevo é um ritmo nordestino que surgiu no Recife do final do século XIX. A palavra frevo vem de "ferver", uma alusão à efervescência provocada pelo andamento acelerado do ritmo. Os passistas, como são chamados seus dançarinos, vestem-se com roupas coloridas e portam uma pequena sombrinha ao executar a coreografia.

Cibele Lopresti Costa

Bacharel e Licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.
Professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede particular.

Eliane Gouvêa Lousada

Mestre e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.
Professora do curso de Elaboração de material didático baseado em gêneros no COGEAE - PUC-SP.

Jairo J. Batista Soares

Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.
Professor e Coordenador Pedagógico da Área de Língua Portuguesa e Literatura na rede particular.

Manuela Prado

Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo - USP.
Professora de Língua Portuguesa na rede particular.

São Paulo
1ª edição revista 2009

edições
sm

Português
COMPONENTE CURRICULAR LÍNGUA PORTUGUESA

LEITURA 1

Crônica

O QUE VOCÊ VAI LER

O texto que você vai ler foi publicado no *Folhateen*, um suplemento do jornal *Folha de S.Paulo* destinado ao público jovem.

Nesta crônica, as autoras revelam a preocupação com o meio ambiente e, simultaneamente, com a qualidade de vida.

- Você já pensou a respeito desses assuntos? Com relação aos seus hábitos alimentares, você se preocupa com o que consome?

NOSSOS NETOS NÃO VÃO COMER PASTEL!

Pode ser ignorância nossa, mas não sabíamos que o novo vilão do planeta é o óleo de cozinha! Sim, aquele usado pra fritar pastel, bife à milanesa e batata frita! Sabíamos que jogar óleo usado na pia podia causar um grande entupimento. E que uma das opções era jogá-lo na privada. Mas, como não

somos cozinheiras de mão cheia e sabemos que frituras fazem a maior sujeira, nunca pensamos muito sobre o assunto óleo.

Até que agora começaram a pipocar notas sobre o "descarte do óleo". Ou seja: como jogar aquele óleo usado fora!? Segundo os cientistas, o óleo dos pastéis pode ser o responsável por enchentes, morte dos fitoplânctons e até pelo aquecimento global! E não pense que isso não tem a ver com você porque a única coisa que você cozinha é ovo na manteiga. Porque agora, comer uma coxinha é quase um crime contra o planeta, se você pensar bem.

Deve ser por isso que algumas cozinheiras guardam o óleo velho e usado numa lata sinistra, geralmente embaixo da pia. Elas deixam lá até pensarem numa maneira melhor de jogar fora o tal óleo assassino de fitoplânctons. Devem ir acumulando latas e latas de óleo, em silêncio, por anos. E, de-



pois, sem saber o que fazer, colocam tudo aquilo numa kombi, desaparecem pelo mundo e passam a viver na clandestinidade, cheias de culpa.

Os ecologistas recomendam que você entregue o óleo para ONGs que fazem reciclagem ou faça sabão caseiro. Sim, um sabão caseiro com o óleo velho! Que nem na-

quele filme *Clube da Luta*, em que os sabonetes das madames eram feitos com a gordura da lipoaspiração. Eca! Só de pensar nisso já desistimos de comer qualquer coisa frita para sempre! Ou de usar sabonete.

Uma coisa nos deixou tristes: o fato de que talvez nossos netos (se tivermos algum) nunca conhecerão o sabor de um delicioso bife à milanesa ou de um pastel de queijo. Pense nas feiras sem barraca do pastel. Certamente, ir à feira vai ficar mais triste.

Porque, se a gente tiver que levar latas de óleos velhos para a reciclagem ou usar sabão com odor de fritura, vamos adotar só alimentos cozidos. No vapor.

A vida fica cada dia mais triste no planeta Terra. E, por enquanto, vamos nos entupir de pastel para esquecer disso.

Momento de histeria

Estamos fritas!

Jô Hallack, Nina Lemos e Raq Afonso. Nossos netos não vão comer pastel!
Folhateen, suplemento do jornal *Folha de S.Paulo*, 17 set. 2007.

GLOSSÁRIO

Fitoplâncton: comunidade de microrganismos vegetais que constituem a base alimentar da vida nos oceanos e mares.